

Mariana Filipa dos Santos Gaspar



**A vinculação e o envolvimento parental no
desporto em praticantes de basquetebol com
idades entre os 12 e os 17 anos**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2021

Mariana Filipa dos Santos Gaspar

A vinculação e o envolvimento parental no desporto em praticantes de basquetebol com idades entre os 12 aos 17

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde
apresentado à Faculdade de Ciências Humanas
e Sociais da Universidade Fernando Pessoa,
como parte dos requisitos necessários para a obtenção de aprovação
para o projeto de investigação científica, sob a orientação da
Prof.^a Doutora Ana Rodrigues da Costa.

Porto, 2021

Índice

Introdução geral	1
Capítulo I – Envolvimento parental no desporto	3
1. Envolvimento Parental no Desporto.....	3
1.1. Bases metodológicas e conceptuais.....	5
1.2. Modelo do Envolvimento Parental no Desporto	11
1.3. Envolvimento parental na modalidade de basquetebol	15
1.4. Síntese.....	16
Capítulo II – Vinculação	18
2. Vinculação.....	18
2.1. Teoria da Vinculação de Bowlby	19
2.2. Vinculação à mãe e ao pai	24
2.3. Vinculação na Adolescência.....	26
2.4. Síntese.....	28
Capítulo III – Estudo Empírico.....	29
3. Objetivos do estudo	29
3.1. Objetivo Geral	29
3.2. Objetivos Específicos	29
Como objetivos específicos apresentamos:	29
3.3. Definição de variáveis	31
4. Método.....	32

4.1.	Participantes	32
4.2.	Materiais	34
4.2.1.	Questionário Sociodemográfico	34
4.2.2.	Questionário de comportamentos parentais no Desporto	35
4.2.3.	Inventory of Parents and Peer Attachment	37
4.3.	Procedimento	39
4.4.	Resultados.....	41
4.4.1.	Estudo da Consistência Interna e Análise fatorial do Questionário de Comportamento Parentais no Desporto	41
4.4.2.	Estudo da Consistência Interna e Análise fatorial do <i>Inventory of Parent and Peer Attachment</i>	46
4.4.3.	Análise de Correlações dos Instrumentos.....	50
4.4.4.	Análise de Variâncias dos instrumentos.....	52
4.5.	Discussão de Resultados.....	59
4.6.	Síntese.....	66
	Conclusão	69
	Referências Bibliográficas	74
	Anexos.....	84

Resumo

Com o decorrer dos anos o envolvimento parental no desporto aumentou, o que consequentemente levou ao aumento da investigação das suas possíveis consequências na vida dos jovens atletas (Horn & Horn, 2007). A vinculação é um processo vital do desenvolvimento humano e, embora inúmeros autores defendam que as relações de vinculação geradas na infância se mantêm ao longo da vida, estas podem sofrer alterações na adolescência devido à forma como o jovem percebe de forma mais crítica o que o rodeia (Perdereau & Atger, 2004). O presente estudo pretende avaliar a relação entre a vinculação e o envolvimento parental no desporto, analisando de que forma este pode ter implicações nas relações de vinculação do jovem com a mãe e com o pai. Participaram neste estudo 112 jovens atletas masculinos da modalidade de basquetebol com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Os participantes pertencem a 3 escalões de formação de 4 organizações desportivas do distrito de Aveiro. Responderam ao seguinte material: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (Gomes, 2016) e a versão traduzida para a população portuguesa de Carvalho e Costa (2018) do *Inventory of Parent and Peer Attachment* (Armsden & Greenberg, 1987). Os resultados obtidos na investigação mostram-nos uma correlação forte e positiva entre o envolvimento parental no desporto e a vinculação, mostrando-nos diferenças significativas relativas ao pai, associadas principalmente ao apoio e acompanhamento desportivo, e à confiança e comunicação, tendo em conta a idade, escalão desportivo e o acompanhamento em contexto desportivo.

Palavras-chave: Vinculação, Envolvimento Parental no Desporto, Adolescência, Desporto de formação, Basquetebol

Abstract

Over the years, parental involvement in sports has increased, which has consequently led to an increased investigation of its possible consequences in the lives of young athletes (Horn & Horn, 2007). Bonding is a vital process of human development and, although many authors argue that bonding relationships generated in childhood are maintained throughout life, these may undergo changes in adolescence due to the way in which young people perceive more critically what surrounds them (Perdereau & Atger, 2004). The present study intends to evaluate the relationship between bonding and parental involvement in sport, analyzing how this can have implications for the bonding relationships of young people with their mother and father. 112 young male basketball athletes participated in this study, aged between 12 and 17 years old. The participants belong to 3 training levels of 4 sports organizations in the district of Aveiro. In order to obtain results that would help us achieve the main objective, the participants answered the following material: Sociodemographic Questionnaire, Parental Behaviors in Sport Questionnaire (Gomes, 2016), and the translated version for the portuguese population of Carvalho and Costa (2018) of the Inventory of Parent and Peer Attachment (Armsden & Greenberg, 1987). The results obtained in the investigation show us a strong and positive correlation between parental involvement in sport and bonding, showing us significant differences regarding the father, mainly associated with sports support and accompaniment, and with trust and communication, taking into account age, sport level and the support in the sporting context.

Key words: Attachment, Parental involvement in sports; Adolescence; Young Sport, Basketball

Agradecimentos

Quando iniciamos uma nova caminhada, existem momentos em que materializamos objetivos, finalizamos etapas e descobrimos o quão longo será este trajeto. Ao percorrer toda esta nova aventura, apercebemo-nos que os nossos pontos fortes são limitativos mas que ao mesmo tempo, apoiados em pessoas que nos dão coragem e suporte, conseguimos superar as nossas fraquezas. Deste modo, torna-se fulcral agradecer a todos os participantes que permitiram com que este processo fosse finalizado.

Aos meus pais e aos meus avós, por me terem permitido alcançar o meu sonho e por me terem mostrado que com empenho e dedicação todo o sonho poderá ser alcançado.

Ao meu irmão André Gaspar, por todo o apoio que me deu em todos os momentos desta caminhada, mostrando-se sempre atento e pronto a ajudar, garantindo que em nenhuma etapa deste processo eu sentisse que não era capaz.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Costa, por ter aplicado todo o seu conhecimento e competência em prol deste projeto e por todo o empenho, dedicação e paciência em todas as horas de trabalho.

A todos os meus amigos, companheiros e colegas de curso, por todos os momentos que levo na memória, por todos os ensinamentos que ao longo do curso me proporcionaram e por todo o companheirismo prestado para o desenvolvimento deste projeto.

Por fim, agradeço a toda a massa educativa da Universidade Fernando Pessoa que me ajudou em todas as etapas deste curso, pela transmissão de conhecimentos e por toda a ajuda prestada ao longo do mesmo. Um agradecimento especial ao Professor Doutor Daniel Seabra por toda a partilha de conhecimento na área da Psicologia do Desporto e por me ter motivado ainda mais a percorrer este sonho.

*The most important thing is to try and inspire people so that they can be great in
whatever they want to do (Bryant, 2020)*

Índice de tabelas

Tabela 1: Modelo do Envolvimento Parental.....	12
Tabela 2: Caracterização da amostra recorrendo às variáveis NSE, idade e anos de prática desportiva	33
Tabela 3: Caracterização da amostra recorrendo às variáveis NSE, idade e anos de prática desportiva	33
Tabela 4: Valores de <i>Alpha</i> de <i>Cronbach</i> das subescalas do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto.....	42
Tabela 5: Análise fatorial do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (versão mãe), após rotação Varimax.....	43
Tabela 6: Análise fatorial do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (versão pai), após rotação Varimax.....	45
Tabela 7: Valores de <i>Alpha</i> de <i>Cronbach</i> das subescalas do <i>Inventory of Parents and Peers Attachment</i>	46
Tabela 8: Análise fatorial do <i>Inventory of Parents and Peers Attachment</i> (versão mãe), após rotação Varimax.....	48
Tabela 9: Análise fatorial do <i>Inventory of Parents and Peers Attachment</i> (versão pai), após rotação Varimax.....	49
Tabela 10: Correlação de <i>Pearson</i> entre as subescalas do IPPA e do QCPD (versão mãe).....	51
Tabela 11: Correlação de <i>Pearson</i> entre as subescalas do IPPA e do QCPD (versão pai).....	52
Tabela 12: Análise de Variância ao nível do envolvimento parental, em função do NSE (versão pai).....	53

Tabela 13: Análise de Variância fatorial ao nível da vinculação em função da idade (versão pai).....	54
Tabela 14: Análise de Variância ao nível da vinculação em função do escalão competitivo (versão pai).....	55
Tabela 15: Análise de Variância ao nível do envolvimento parental em função do escalão competitivo (versão mãe).....	56
Tabela 16: Análise de Variância ao nível do envolvimento parental em função do escalão competitivo (versão pai).....	57
Tabela 17: Análise de Variância ao nível da vinculação em função do acompanhamento em contexto desportivo (versão pai).....	59

Introdução geral

Ao longo das décadas e com um visível aumento do envolvimento parental no desporto, a investigação acerca das implicações do mesmo ao nível do contexto desportivo e psicossocial tem sofrido um aumento significativo (Horn & Horn, 2007).

Sendo os pais os primeiros agentes de socialização das crianças e um dos principais impulsionadores para a promoção da prática desportivas dos jovens, são estes que se encontram também numa posição de influência sobre os filhos, podendo afetar positiva ou negativamente o seu desenvolvimento desportivo e psicossocial (Gomes, 2010; Smith & Dorsh, 2015).

Para Bronfenbrenner (1996), a família é fundamental para o desenvolvimento da criança no contexto desportivo uma vez que esta pode influenciar na quantidade e na qualidade das situações vivenciadas no contexto desportivo. Contudo, os comportamentos adotados pelos pais neste contexto podem afetar ou não a relação dos mesmos com as crianças, dependendo da perceção que estas têm acerca do seu comportamento.

As relações de vinculação geradas na infância são fundamentais para o desenvolvimento da criança, apresentando-as ao conceito de segurança (Ainsworth et al., 1978). É através desta relação que o jovem cresce e apresenta ou não capacidades para criar novas relações de vinculação (Bowlby, 1982). A adolescência é um período onde ocorrem inúmeras alterações desenvolvimentais e onde os jovens estão perante uma plasticidade dos modelos internos associados às relações de vinculação, ou seja, durante este período as relações de vinculação primárias, associadas à mãe e ao pai, são revistas e são geradas novas relações de vinculação, associadas geralmente aos pares (Collin & Read, 1994). É durante este período que o adolescente vivencia os eventos de forma mais

crítica, podendo as ações ou comportamentos provenientes das suas relações de vinculação provocar uma alteração na mesma.

Ao longo deste trabalho foi analisado se o envolvimento parental poderia ter implicações nas relações de vinculação com a mãe e com o pai, recorrendo a instrumentos quantitativos com a função de avaliar a perceção do jovem em relação ao envolvimento parental no desporto e à vinculação à mãe e ao pai, separadamente.

Para que o estudo apresentasse uma estrutura clara e objetiva, este foi dividido em três grandes capítulos, sendo que os dois primeiros compõem uma revisão teórica das variáveis e o terceiro aborda o estudo empírico do estudo.

O primeiro capítulo está direcionado para o estudo teórico da variável envolvimento parental no desporto. Aqui estão descritos os principais conceitos e as investigações consideradas por nós, mais relevantes e que podem ajudar a sustentar o presente estudo.

No segundo capítulo abordamos a variável vinculação, onde analisamos as principais teorias e as principais fases associadas ao conceito de vinculação. Mais uma vez, este capítulo é também composto por estudos que direta ou indiretamente suportam o estudo apresentado.

O terceiro capítulo está reservado para o estudo empírico da investigação. Neste capítulo está presente a pergunta de partida que levou à realização do estudo, os objetivos, os participantes, os materiais utilizados, o procedimento, os resultados obtidos e a subsequente discussão dos mesmos.

Capítulo I – Envolvimento parental no desporto

A investigação acerca do envolvimento parental no desporto tem sofrido um aumento de interesse por parte de um grande grupo de investigadores de Psicologia do Desporto, sendo considerado como um dos principais tópicos de pesquisa acerca da interferência do contexto social no desenvolvimento desportivo das crianças (Horn & Horn, 2007). Este interesse está também associado aos pais serem considerados os primeiros agentes da socialização das crianças ao providenciarem oportunidades para a prática, manutenção ou, em último caso, o abandono desportivo (Boiché & Sarrazin, 2009), e ao facto de estes serem elementos integrantes da prática desportiva dos filhos, sendo uma presença assídua nos treinos e competições (Holt, Tamminen, Black, Sehn & Wall, 2008). Também Dorsh, Smith e McDonough (2009) constataam que a prática desportiva se desenvolve num sistema social que constitui um processo de socialização através do qual os indivíduos aprendem competências, valores, atitudes, normas e conhecimentos associados ao cumprimento dos papéis sociais atuais e antecipados. No presente capítulo serão abordadas as bases conceptuais e metodológicas associadas ao estudo do envolvimento parental, assim como os estudos e os modelos mais relevantes na área que comprovam a importância do envolvimento parental no desporto para o desenvolvimento pessoal, social e desportivo dos jovens.

1. Envolvimento Parental no Desporto

Para melhor compreender e estudar fenómenos relativos ao acompanhamento parental no desporto, é necessário abordar alguns conceitos associados ao desporto e à prática desportiva dos jovens de modo a perceber melhor a relação existente entre eles.

Neto (1994) refere que o desporto é uma atividade que nos seus pressupostos deve contemplar a promoção dos valores humanos, os princípios de solidariedade e a cooperação social e cultural entre os seus intervenientes. É hoje unanimemente reconhecido o impacto positivo que a atividade física regular tem no bem estar geral do indivíduo. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014) refere que a prática de atividade física atua benéficamente na saúde, prevenindo e melhorando patologias físicas e mentais. Gotova (2015) refere que a prática desportiva contribui não só para o bem-estar físico, mas também para o desenvolvimento emocional e humano.

No atual panorama desportivo existem inúmeros fatores que podem influenciar o desenvolvimento, desempenho e a própria participação das crianças nas suas modalidades. O envolvimento parental encontra-se neste sentido como um dos principais destaques. Este é definido por Gurland e Grolnick (2005) como um conjunto variado de atitudes, crenças e comportamentos dos pais que influenciam a prática desportiva dos jovens. Hoover-Dempsey e Sandler (1997) definem o envolvimento parental como a participação dos pais nos processos de aprendizagem e nas atividades desportivas da criança e do jovem, reconhecendo que são um dos principais agentes de influência social neste domínio. Smoll (2001) alega que após a decisão da criança em praticar uma modalidade desportiva, os pais devem assumir um contíguo de responsabilidades e desafios, como, por exemplo, compreender os motivos da criança na prática desportiva, fomentar o divertimento, não pressionar e conhecer as regras do jogo.

Assim, torna-se importante conhecer alguns conceitos primordiais e algumas bases de investigação que levaram a que o conhecimento acerca do envolvimento parental evoluísse ao longo das épocas.

1.1. Bases metodológicas e conceituais

Os primórdios da investigação acerca da influência parental no desporto, numa perspectiva conceptual e metodológica, eram de natureza descritiva e não contemplavam variáveis psicológicas (Teques & Serpa, 2013). As primeiras abordagens estudaram a influência dos pais sobre as decisões da criança no desporto ou atividade física, considerando, principalmente, variáveis sociológicas como o género ou a classe social (Greendorfer & Lewko, 1978; Snyder & Spreitzer, 1973).

Mais recentemente, o estudo acerca da influência parental na participação desportiva das crianças e dos jovens tem sido orientado por uma abordagem socio-cognitiva direcionada para o estudo do comportamento motivado (Brustad, 1992; Brustad, Babkes & Smith, 2001). Esta perspectiva partilha a ideia de que as auto percepções de competência e de capacidade, e as cognições acerca do significado de realização, são os elementos do processo de avaliação cognitiva que mais influenciam a motivação pessoal, constatando assim que as diferenças individuais do processo de avaliação cognitiva influenciam os padrões do comportamento motivado e de realização (Teques & Serpa, 2013).

Sustentadas pela abordagem sócio-cognitiva, existem três teorias reconhecidas pelos investigadores, a teoria da motivação para a competência de Harter (1999), o modelo de expectativa-valor de Eccles (Eccles & Harold, 1991; Fredericks & Eccles, 2005) e a teoria da motivação para a realização de Nicholls (1989). Estas teorias e modelo apesar de terem diferentes explicações para a compreensão do comportamento motivado, apresentam algumas semelhanças, sendo a mais relevante, a importância do contexto social, incluindo o suporte social de significativos e os fatores situacionais, tais como a modalidade desportiva. Estas referem, também, as autopercepções, as orientações dos objetivos e o valor da tarefa ou importância de um rendimento positivo num determinado

domínio como fatores preponderantes para o processo motivacional. Finalmente, estas teorias e modelo apresentam uma perspectiva desenvolvimentista para a diferenciação dos conceitos de capacidade, valor de tarefa, competência, a preferência por determinados agentes de socialização, e fontes de informação acerca da competência física (Weiss & Ferrer-Caja, 2002).

A teoria da motivação para a competência (Harter, 1999) fundamenta-se no papel da autopercepção de competência e no controlo dos processos motivacionais. Relativamente ao envolvimento parental, o modelo defende que os pais exercem influência através do *feedback* providenciado à criança no contexto de realização. O modelo de expectativa-valor (Eccles & Harold, 1991; Fredericks & Eccles, 2005), indo de encontro à teoria proposta por Harter (1999) refere que os pais exercem influência nas autopercepções das crianças através do *feedback* fornecido sobre a sua competência, num determinado domínio de realização. Deste modo, o comportamento parental favorece a interpretação por parte da criança relativa à sua competência, modelando as suas expectativas para a realização. A teoria da motivação para a realização (Nicholls, 1989), tem como princípio central a noção de que as pessoas, num contexto de realização, têm dois tipos de objetivos ou definições de sucessos: orientação para a tarefa e orientação para o ego, sendo que as investigações apresentam uma presença de correlação entre as orientações dos objetivos das crianças e as orientações dos objetivos dos pais (Appleton, Hall & Hill, 2011).

Numa mais recente revisão sobre o estudo do envolvimento parental no desporto, Horn e Horn (2007) apresentam o modelo de expectativa-valor desenvolvido por Eccles e colaboradores (Fredericks & Eccles, 2005), como a abordagem mais credível para a influência do comportamento parental na participação desportiva de crianças e adolescentes, em comparação com outras teorias que contribuíram para o conhecimento

do fenómeno mas que não são tão claras como o modelo de expectativa-valor. Este modelo procura, numa perspetiva multidimensional, explicar as diferenças de comportamento de crianças e adolescentes relativamente à seleção das suas escolhas, persistência e desempenho num determinado domínio de realização, partindo da assunção que os intervenientes têm o mesmo nível de competência e as mesmas oportunidades de participação (Weiss & Ferrer-Caja, 2002). Fredericks e Eccles (2002) constataram que as crenças dos pais acerca da competência desportiva dos filhos tinham uma forte associação com a perceção que as crianças tinham sobre a sua própria competência.

Apesar do recente desenvolvimento conceptual, a investigação tende a ser pragmática na explicação dos processos de influência parental no desporto. As abordagens teóricas centralizam-se nas consequências dos comportamentos e atitudes dos pais sobre processos cognitivos e psicológicos das crianças na prática desportiva, tais como na orientação dos objetivos de realização, ou as autoperceções de competência e controlo (Eccles & Harold, 1991; Harter, 1999; Nicholls, 1989).

Serpa (2002) afirma que as variáveis cognitivas, emocionais e sociais da participação desportivas estão diretamente associadas às experiências pessoais do participante, que são influenciadas pelo contexto social envolvente. Tendo em conta todos os processos associados à prática desportiva, Smith e Dorsh (2015) referem nos seus estudos que a qualidade do relacionamento do jovem com outros autores sociais como familiares, amigos, treinadores, é muito importante para o desenvolvimento positivo do atleta. Para Bronfenbrenner (1996), um dos princípios fundamentais para o desenvolvimento da criança é a família, uma vez que esta premissa pode interferir no tipo, quantidade e qualidade de situações vivenciadas no contexto desportivo. Ao longo das décadas tem-se verificado um incremento do envolvimento parental, o qual a investigação aponta como uma das influências mais importantes para o desenvolvimento psicossocial

da criança e do jovem na atividade desportiva (Horn & Horn, 2007). Sendo os pais um dos principais veículos para a promoção da prática desportiva dos jovens (Smith & Dorsh, 2015), são estes que também se encontram numa posição de influência sobre os filhos, podendo afetá-los positiva ou negativamente (Gomes, 2010). De acordo com Filgueira e Schwartz (2007), a presença dos pais nos treinos e nos jogos vai despertar alguma reação no atleta, seja ela de constrangimento ou de contentamento, de desaprovação ou de aprovação. Inúmeros estudos da psicologia do desporto têm demonstrado que algumas crianças podem sentir-se incomodadas com a presença dos pais, enquanto outras se sentem confortáveis com a presença dos mesmos (Gomes, 2010; Nunomura & Oliveira, 2014; Filgueira & Schwartz, 2007).

Nunomura e Oliveira (2014), apontam para que, do ponto de vista técnico, a participação dos pais apresenta apenas dois polos: positivo ou negativo, demonstrando e comprovando nos seus estudos que a possibilidade de existir uma posição neutra por parte dos pais, seria imediatamente remetida para o polo negativo, uma vez que os pais que apresentam uma atitude neutra estão alheios ao que está acontecer na vida desportiva dos filhos. Gomes (2010) indica a influência positiva como sendo uma promotora de autoestima, autoeficácia, perceções de competência corretas e, acima de tudo, promotora de um sentimento de prazer e bem-estar. No entanto, Serpa e Teques (2013) indicam que quando o envolvimento dos pais resulta, predominantemente, numa influência negativa, estes poderão ser a principal fonte de desmotivação, frustração e abandono da prática desportiva por parte dos jovens.

Ao longo das suas investigações, Hellstedt (1987) distinguiu três principais tipos de envolvimento: o sub envolvimento, onde o envolvimento emocional e físico dos pais é praticamente nulo, ou seja, não existe acompanhamento de competições, investimento ou interação com o treinador, o envolvimento moderado, onde os pais tomam as decisões

moderadamente, permitindo o desenvolvimento de autonomia e independência nos jovens, envolvem-se positivamente nas competições acompanhando os objetivos dos filhos, apoiam financeiramente e adequadamente as necessidades dos jovens e mantêm uma interação com o treinador de modo a promover o desenvolvimento do jovem, e o sobre envolvimento, onde os pais tomam as decisões pelos filhos, fazem investimentos exagerados, concentram-se nos seus objetivos pessoais, por norma irreais, são excessivamente críticos e dão opiniões muitas vezes ofensivas ao trabalho do treinador.

Existe concordância na maioria dos estudos em que o envolvimento dos pais na vida desportiva do jovem deve ser moderado, ou seja, devem ser firmes na obtenção e promoção de resultados, mas devem também promover a autonomia, independência e autossuficiência para tomarem as decisões de maneira segura e satisfatória para a realização de tarefas (Cremades et al., 2013; Vissoci et al., 2013). Holt e Neely (2014) verificaram que os pais avaliados e percecionados com um envolvimento moderado, enunciaram benefícios pessoais, sociais e físicos para os jovens, havendo um desenvolvimento a nível de auto imagem positiva, um aumento de responsabilidade e um aumento de *fair play* como benefícios pessoais, o trabalho em grupo, a criação de novas amizades, o respeito a autoridade como benefícios sociais, aumento de saúde e bem estar, assim como o desenvolvimento de aptidões físicas nos benefícios físicos.

Seguindo a mesma linha de pensamento Leff e Hoyle (1995) afirmam que os pais apoiam os jovens fisicamente, emocionalmente e financeiramente, e tendo em conta o sucesso, a participação no desporto e a satisfação do jovem, o suporte emocional aparenta ter um impacto superior aos demais.

Brustad, Babkes e Smith (2001) realizaram um estudo comparativo onde distinguiram o envolvimento entre pais e mães na prática desportiva. Embora as conclusões retiradas não tenham sido estatisticamente significativas, estas sugerem

diferenças entre pais e mães quando avaliam as percepções das crianças. Ou seja, as crianças tendem a perceber diferenças entre pais e mães em variáveis específicas do envolvimento (Fredericks & Eccles, 2005).

No que concerne ao envolvimento parental na modalidade de natação, Lee e Maclean (1997) verificaram que sensivelmente um terço dos filhos desportistas identificaram pai e mãe como os mais envolvidos no desporto. Power e Woolger (1994) encontraram uma relação curvilínea entre as expectativas dos pais e o entusiasmo dos filhos na mesma modalidade. Expectativas extremistas foram associadas a um menos entusiasmo por parte das crianças.

Gomes e Zão (2007) referem que os pais que possuem expectativas mais realistas sobre a performance desportiva dos filhos, que estimulam e ajudam no esforço mostrado por eles enquanto atletas, e que nunca reagem de forma negativa a competições com menos rendimento, diminuem a possibilidade de contribuir para dificuldades ao nível de ansiedade dos seus filhos e aumentam o prazer dos mesmos ao praticarem um desporto. Num estudo realizado por Gomes em 2010 com o objetivo de analisar a relação entre a influência parental e a motivação, foram encontradas evidências de um maior apoio parental nas modalidades individuais e menos reações negativas por parte dos pais nos escalões iniciais de formação. Este estudo revelou ainda que os pais do género masculino demonstram maiores níveis de apoio e influência técnica.

Num estudo realizado por Serrano, Silveira, Lucas e Honório (2017) englobando formações de futebol, foi concluído, segundo a opinião dos atletas estudados, que os pais dos atletas dos escalões mais novos, assumem um papel mais ativo dentro do clube, estando mais presentes dentro e fora do mesmo. No mesmo estudo foi também evidenciado que pais com habilitações literárias mais “altas” demonstram maior interesse e maior apoio na prática desportiva dos atletas, apresentam maior envolvimento

emocional, procurando saber o grau de satisfação dos filhos e preocupam-se mais com o material e condições de prática dos filhos.

Com o intuito de perceber melhor de que forma atua o envolvimento parental na vida desportiva dos atletas, as variáveis que podem influenciar o mesmo e as consequências que de si podem surgir, foi criado um modelo de envolvimento parental que se apresenta explicado no ponto seguinte.

1.2. Modelo do Envolvimento Parental no Desporto

A partir dos vários estudos realizados, o envolvimento parental aparenta ter um carácter dinâmico, assumindo um conjunto de variáveis que explicam que as características do envolvimento parental são passíveis de crescimento e mudança ao longo do desenvolvimento da criança e das etapas da carreira desportiva (Wuerth et al., 2004).

Teques e Serpa (2013) consideram que na formulação de um modelo compreensivo deverá ser considerada uma abordagem multidimensional, ecológica e holística do envolvimento parental no desporto, definido por um conjunto de pressupostos. Primeiro, o processo de envolvimento parental deverá ser considerado a partir da visão dos pais e das crianças ou jovens desportistas para compreender os principais comportamentos, crenças e atitudes subjacentes ao envolvimento dos pais, tal como a perceção dos filhos, e a influência sobre a sua prática desportiva. Em segundo lugar, a compreensão holística do processo deve ser resultado de uma visão ecológica do envolvimento. Bronfenbrenner (2005) afirma que o desenvolvimento humano não pode ser compreendido de forma adequada sem a referência aos sistemas sociais envolventes que podem consequencialmente promover ou limitar o processo de desenvolvimento. No contexto desportivo, estes sistemas sociais podem ser representados pelo núcleo familiar,

clubes, treinadores, jovens atletas e pela equipa entre si. Em terceiro, a definição do envolvimento parental associada às atividades em casa e no clube desportivo. As atividades em casa podem incluir conversas ao jantar acerca do treino, o aconselhamento em relação ao percurso desportivo, ou diálogos referentes à competição. As atividades associadas aos clubes podem incluir o transporte e a presença em treinos e jogos, conversas informais com outros pais e participação em reuniões, e a ajuda em atividades de voluntariado. Este conjunto de atividades relacionadas com o envolvimento parental na participação desportiva da criança poderá ser descrito, num contínuo, desde o envolvimento escasso, passando pelo moderado até ao excessivo (Hellstedt, 1987). Para finalizar, e indo de encontro ao anteriormente referido por Wuerth, Lee e Alfermann, (2004) o envolvimento parental tem uma natureza desenvolvimentista. As características do envolvimento alteram-se ao longo das etapas de formação desportiva, mantendo-se a associação entre o envolvimento parental adequado e os atributos psicológicos positivos da criança e do jovem, independentemente da idade (Teques & Serpa, 2010).

Tendo em conta os pressupostos anteriores, Teques e Serpa (2009) propuseram para o contexto desportivo um modelo adaptado do modelo de Hoover-Dempsey e Sandler (1997). O modelo procura esclarecer a influência parental sob um ponto de vista integrado, utilizando variáveis estruturais e dinâmicas, baseando-se em perspetivas psicológicas, sociais e culturais (ver tabela 1).

Tabela 1

Modelo do Envolvimento Parental

Nível 5						
Auto-realização desportiva						
Nível 4						
Atributos da criança que conduzem à auto-realização						
Auto-eficácia		Motivação intrínseca		Estratégias de auto-regulação		Auto-eficácia relacional
Nível 3						
Perceção da criança dos mecanismos de envolvimento dos pais						
Encorajamento		Modelagem		Reforço		Instrução
Nível 2						
Mecanismos de envolvimento dos pais						
Encorajamento		Modelagem		Reforço		Instrução
Nível 1						
Motivação pessoal		Invocações			Contexto vivencial	
Construção do papel parental	Eficácia parental	Invocações oriundas do clube	Invocações oriundas do treinador	Invocações oriundas da criança	Conhecimento e competências	Tempo e energia

Nota: Tabela ilustrativa do Modelo de Envolvimento Parental. Retirado de *Mente, Desporto e Performance: o Fator Psi* (p. 75) de S. Serpa, 2017, Visão e Contextos.

Num primeiro nível, o modelo apresenta os principais constructos que pretendem explicar porque os pais se envolvem na prática desportiva dos filhos (Teques & Serpa, 2013). O modo e intensidade do envolvimento parental nas atividades dos filhos está diretamente relacionado com a motivação, com a reação às solicitações de participação assim como com o contexto onde vivem. A motivação irá depender da perspetiva que os pais têm do seu papel educativo e da perceção de terem, ou não, capacidades para serem

bem sucedidos na ajuda. As solicitações para a participação, às quais reagem de forma pessoal, provém da estrutura do clube onde os jovens estão inseridos, do treinador, ou dos próprios filhos. O contexto está associado ao tempo disponível e despendido, e aos conhecimentos e competências que respondam às necessidades (Serpa, 2017).

O envolvimento parental pode ocorrer em casa ou no local da prática desportiva. O segundo nível refere-se aos mecanismos psicológicos que os pais utilizam durante as ações de envolvimento (Teques & Serpa, 2013). Este pressupõe uma efetiva implicação na prática dos jovens por via de diversos mecanismos de interação que podem ser do encorajamento relativamente à atividade praticada e à sua compatibilidade com outros domínios da vida do jovem, da utilização de reforço dos comportamentos dos filhos e das atitudes relacionadas com o desporto, de um modo geral ou com situações específicas, do fornecimento de instruções sobre aspetos associados à prática desportiva, de organização de vida em compatibilidade com o desporto, da modelagem de comportamento do jovem, por via do próprio exemplo, premiando os comportamentos adequados do filho, ou criticando os inadequados (Serpa, 2017).

O terceiro nível do modelo está relacionado com a modo como os filhos percecionam as ações parentais referidas no nível 2 (Teques & Serpa, 2013). Independentemente das intenções dos pais, o mais importante é o impacto que as suas ações têm nos jovens em resultado do modo como estes as percecionam. É esse processo de perceção que vai determinar as componentes do nível quatro, sendo estas a autoeficácia, ou seja, a convicção do jovem de que é capaz de efetuar com sucesso as tarefas, a motivação intrínseca que, por decorrer do prazer na prática e da superação dos desafios a ela associados, otimiza o empenhamento, reduz o abandono da prática desportiva e diminui a ansiedade do resultado, as estratégias de autorregulação que permitem manter os processos emocionais e atencionais dentro do limiar de eficácia no

desempenho desportivo e a auto eficácia social, associada ao desenvolvimento do sentimento de competência nas relações sociais. Estas componentes que integram o nível quatro têm um enorme impacto no sentimento de auto realização, presente no nível cinco, associado ao bem-estar psicológico que decorre da harmonia entre o que fazem no desporto e o que percebem ser valorizado pelos pais que consideram elementos de suporte sócio afetivo (Teques & Serpa 2013; Serpa, 2017).

As atividades desportivas são meramente um contexto da vida da criança em que os pais devem estar envolvidos. Ao longo de todas as etapas da vida da criança, os pais deverão mostrar-lhe e permitir, ver e sentir altos níveis de conforto emocional e encorajamento de independência e baixos níveis de rigorosidade e agravação (Parker & Boak, 1999). Uma forte relação parental com a criança pode estimular o sucesso em atividades orientadas para a realização por meio da redução de comportamentos disruptivos, baixos níveis de agressividade, respeito pela autoridade e auto controlo (Fagen & Cowen, 1996). Fagen e Cowen (1996) referem que uma forte relação entre os pais e a criança sustenta uma base de consistência, suporte e estabilidade para a criança.

1.3. Envolvimento parental na modalidade de basquetebol

Embora existam inúmeros estudos associados a diversas modalidades, no que concerne à modalidade de basquetebol, os estudos relacionados com o envolvimento parental aparentam estar mais direcionados para os escalões profissionais e juniores (Reis et al., 2016) e para os escalões de anos iniciais de prática (Gotze & Becker, 2002), existindo, assim, uma falha associada aos escalões de formação.

Reis, Ferreira e Moraes (2016) realizaram um estudo com atletas de formação de basquetebol masculinos onde avaliaram as diferenças de apoio parental consoante as diferentes idades e escalões. Estes relatam que o apoio financeiro e a presença dos pais

nos jogos e treinos dos filhos diminui a partir dos 16 anos. Independentemente do nível socioeconómico, nos escalões mais elevados, os pais continuam a prestar apoio financeiro mas não estão com frequência em jogos e treinos.

Num estudo realizado por Folle, Nascimento, Salles, Maciel e Dallegrave (2018), com atletas femininas da formação de um clube de Santa Catarina, no Brasil, foi concluído que atletas provenientes de famílias em que a participação de diferentes modalidades, especialmente o basquetebol, representava uma parte importante no desenvolvimento individual, apresentavam maiores níveis de motivação e de permanência no desporto. O estudo salienta, também, que a presença e o envolvimento moderado dos pais na participação desportiva dos atletas contribuía para um desenvolvimento positivo dos mesmos.

1.4. Síntese

Ao longo do capítulo podemos comprovar a relevância e a crescente importância dada ao envolvimento parental no desporto e à percepção que os jovens têm do mesmo. O envolvimento parental na vida de uma criança ou adolescente, tanto ao nível atlético como outro nível, gera ramificações que duram anos (Leff & Hoyle, 1995). No que concerne aos jovens atletas, são os pais que têm maior influência na vida desportiva dos filhos. Ao atingir a adolescência, são os pais que frequentemente adotam uma postura de amigo, professor, treinador e admirador (Hellstedt, 1990). Independentemente do papel que o pai adote, o jovem atleta estará sempre atento. Enquanto observam os seus pais, os jovens procuram sinais (verbais e não verbais) que mostrem a satisfação ou insatisfação dos seus pais em relação a si. Se os pais não tiverem consciência dos seus comportamentos, algumas palavras e ações podem transmitir mensagens erradas aos jovens (Filgueira e Schwartz, 2007). Sendo o envolvimento parental no desporto um fator que pode

influenciar a comunicação e a relação entre pais e filhos, daremos no próximo capítulo relevância a estudos associados à vinculação à mãe e ao pai, abordando de que forma esta se desenvolve e se modifica ao longo dos anos.

Capítulo II – Vinculação

A teoria da vinculação, inicialmente operacionalizada no contexto das relações primárias por Bowlby e Ainsworth, estende-se hoje a todo o ciclo de vida, e para outras figuras significativas (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988; Mikulincer & Shaver, 2007; Soares, 2006). Na verdade, desde cedo, Bowlby (1982) faz várias referências à concepção da vinculação como um fenómeno que se estende ao longo de toda a vida, chamando a atenção para as implicações das condições que facultam as (im)possibilidades de atualização dos modelos internos, construídos no seio das relações primárias significativas. A adolescência, pelas alterações desenvolvimentais que exige, torna-se um dos momentos que, independentemente de alterações na qualidade das relações, pode impulsionar atualizações, ou favorecer rigidificações, na qualidade dos padrões estabelecidos ou na construção de novas relações. É ainda o período durante o qual se consolida uma organização interna global da vinculação, resultante da integração sintetizadora de diversas vinculações significativas (Perdereau & Atger, 2004).

No presente capítulo são abordados conceitos associados à vinculação, à vinculação ao pai e à mãe, sendo também abordada a Teoria da Vinculação de Bowlby, percorrendo todos os seus estádios e analisando todas as suas características ao longo das fases. A vinculação na adolescência terá um papel importante no desenrolar deste capítulo devido às suas características únicas e diferenciais.

2. Vinculação

A vinculação é, segundo Bowlby (1982), um processo vital na ontogenia humana, uma vez que aumenta a probabilidade de sobrevivência na infância e otimiza o desenvolvimento adaptável da personalidade ao longo da vida. O conceito de vinculação

integra uma necessidade básica e inata de ligação do bebê à mãe, expressando-se por um conjunto de comportamentos observáveis. Estes comportamentos destinam-se a desenvolver a proximidade e informar a mãe do desejo de interação do bebê, através do sorrir, agarrar, gatinhar e/ou chorar, sendo estes também característicos da espécie (Weinfield et al., 1999). A maioria das investigações sobre as relações de vinculação concentram-se no estudo da relação mãe-criança e o subsequente impacto no desenvolvimento dos filhos (Cassidy & Shaver, 1999). Todavia, nos últimos anos houve uma tentativa para contrariar esta última tendência, assistindo-se a um incremento da investigação, corporizando a relação com o pai, bem como a sua importância no desenvolvimento psicossocial do(s) seu(s) filho(s) (Paquette, 2004; Verschueren & Marcoen, 2005).

Na fase da adolescência, a qualidade da relação adolescentes-pais modifica-se, devido ao desenvolvimento cognitivo e ao alargamento relacional, característico desta fase. Ao longo das épocas têm surgido cada vez mais estudos direcionados para a vinculação na adolescência, enaltecendo o papel fundamental dos pais para além dos primeiros anos de vida da criança (Silva & Costa, 2005).

De modo a percebermos as bases teóricas acerca do conceito de vinculação, recorreremos ao grande fundador da Teoria da Vinculação, Bowlby (1982), que nos explica de que forma se desenvolve o processo de vinculação ao longo da vida e quais as suas especificidades ao longo das etapas de desenvolvimento.

2.1. Teoria da Vinculação de Bowlby

Vinculação é uma relação emocional profunda e duradoura que liga uma pessoa a outra no tempo e no espaço (Ainsworth, 1979; Bowlby, 1982). A Teoria da Vinculação, impulsionada por Bowlby (1982), vem postular que a criança tende a evidenciar a

necessidade biológica de desenvolver relações de proximidade com diversas figuras, dirigindo o seu comportamento de vinculação para as mesmas. Definida como uma relação emocional próxima entre duas pessoas, caracterizada pelo afeto mútuo e pelo desejo de manter proximidade (Bowlby,1981), a vinculação é um processo que se forma durante a primeira infância e que se baseia na natureza e na qualidade das primeiras interações da criança com as figuras parentais ou com outras figuras próximas e/ou substitutas.

É importante distinguir três conceitos que formam os componentes essenciais da Teoria da Vinculação. O conceito de Vinculação, sendo este a ligação afetiva íntima e próxima com dependência mútua, que sustenta a convicção de que esta se prolongará temporalmente (Bowlby, 1982). Este conceito está associado ao modo como a pessoa é vinculada, sendo que, em termos gerais, poderá ser de dois tipos: segura ou insegura. Considera-se vinculação segura quando a criança confia na figura de vinculação como sendo uma fonte de segurança e conforto em situações de necessidade. Em consequência desta percepção, as crianças com uma vinculação segura são crianças confiantes nas suas próprias interações com o ambiente envolvente. Pelo contrário, crianças com uma vinculação insegura apresentam dúvidas da disponibilidade dos cuidadores, receando que estes não respondam de forma eficaz às suas necessidades. Estas crianças não se sentem capazes de explorar o ambiente que as rodeia, apresentando por isso menos confiança em si próprias (Ainsworth, 1979; Weinfield et al., 1999).

O conceito de Comportamento de vinculação compreende os comportamentos que são desencadeados por condições do ambiente como separação ou por ameaças de separação ou distância da figura de vinculação a uma criança previamente vinculada (Bowlby, 1982). Por último, o conceito de Sistema Comportamental de vinculação que representa um modelo que inclui o sujeito e as figuras de afeto, com o qual a criança vê

o Mundo e guia as relações interpessoais por si criadas (Bowlby, 1982). Assim, podemos afirmar que as relações de vinculação são construídas no contexto das interações entre a criança e a figura de vinculação e funcionam como um sistema de controlo comportamental que regula os comportamentos de proximidade e de exploração do meio, associando deste modo a segurança da vinculação à forma como as crianças organizam o seu comportamento com o objetivo de encontrar um ponto de equilíbrio entre a necessidade de proteção e a necessidade de exploração (Bowlby, 1982; Monteiro et al., 2008).

A figura de vinculação funciona então como base segura, ou seja, a criança afasta-se e regressa para junto dela, periodicamente, para brincar ou estabelecer um breve contacto, afastando-se novamente para explorar o meio ou interagir com outras pessoas (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1988). As diferenças individuais na organização dos comportamentos de base segura estão relacionados com as respostas comportamentais da figura de vinculação ao nível da sua sensibilidade aos sinais da criança, da cooperação com os comportamentos da criança e da disponibilidade nas interações diárias com a criança (Ainsworth et al. 1978).

Ao longo dos seus estudos, Bowlby (1982) e Ainsworth (1979) dividem o desenvolvimento de sistemas de vinculação em quatro fases.

A primeira fase descrita por Ainsworth (1979) como a fase de pré vinculação e por Bowlby (1982) como sendo a fase onde ocorre a orientação e os sinais sem discriminação da figura, ocorre desde o nascimento até aos dois meses. Nesta fase o recém-nascido utiliza os sistemas neonatais como o riso, o balbuciar, o choro para atrair potenciais cuidadores. Estes comportamentos promovem a proximidade e quanto maior for o *feedback* da figura vinculativa, neste caso da mãe, maior será a interação do bebé (Ainsworth et al, 1978).

A segunda fase denominada de fase de vinculação de progressão por Ainsworth (1979) e apontada por Bowlby (1982) como fase onde a orientação e os sinais estão direcionados para uma ou mais figuras discriminadas, ocorre dos dois até aos seis meses. Com o desenvolvimento da audição e da visão, o recém nascido começa a discriminar cada vez mais adultos, mostrando-se mais responsivo à mãe/cuidador (Prior & Glaser, 2006). Comportamentos como agarrar ou seguir o adulto são adicionados ao espectro de comportamentos de vinculação (Bowlby, 1982).

A fase seguinte apontada por Ainsworth (1979) como a fase de vinculação evidente, e de manutenção de proximidade a uma figura discriminada por meio de locomoção e de sinais por Bowlby (1982), ocorre dos seis meses até um ano. O bebé é mais ativo na procura de proximidade e contacto às suas figuras de vinculação, muito devido ao desenvolvimento de locomoção (Ainsworth et al., 1978). Este comportamento, permite que o bebe use o cuidador como uma “base segura” para explorar o ambiente que o rodeia (Ainsworth et al., 1978).

A última fase de desenvolvimento onde ocorre a formação de cumplicidade *goal-corrected*, desenvolve-se a partir dos dois anos e é caracterizada por um grande desenvolvimento cognitivo. Nesta fase a criança começa a ver o cuidador como uma pessoa independente, resultado da diminuição do seu “egocentrismo” (Ainsworth et al., 1978). A relação transforma-se, assim, numa relação recíproca, onde a criança toma conhecimento dos objetivos e planos dos cuidadores e tenta influencia-los através de subornos e amuos (Holmes, 1993).

Bowlby (1973) defende que são os modelos internos dinâmicos que organizam cognitivamente e afetivamente a informação proveniente das experiências relacionais que decorrem ao longo do desenvolvimento humano. O autor adiciona à sua teoria o conceito de modelo interno dinâmico para descrever a representação mental e afetiva

que a criança constrói acerca de si, das suas figuras vinculativas e do mundo. O modelo de si corresponde à percepção que a criança tem de si própria enquanto merecedora de amor, suporte e atenção por parte das suas figuras de vinculação (Bowlby, 1973). Analogamente, o modelo do outro configura-se através da percepção da criança sobre quem são as suas figuras de vinculação, de que forma respondem e como podem ser encontradas (Bowlby, 1973). Os modelos internos dinâmicos reconstroem-se nas experiências relacionais entre a criança e as suas figuras vinculativas, tornando-se menos propensos a grandes mudanças e alterações à medida que o sujeito se vai desenvolvendo. (Bowlby, 1982; Maier et al., 2004). As relações de vinculação estabelecidas na adolescência constituem uma possibilidade dos modelos internos precoces serem revistos e atualizados sendo contudo improvável que esta revisão resulte em profundas alterações nos modelos internos arquitetados na infância (Collin & Read, 1994). Esta estabilidade vai de encontro à tese de Bowlby, no entanto, como foi referido, os modelos internos dinâmicos revelam alguma plasticidade às diversas etapas desenvolvimentais e às modificações na qualidade das relações de vinculação, principalmente durante o desenvolvimento infantojuvenil (Bowlby, 1982; Collins & Read, 1994; Maier et al., 2004)

Bowlby (1982) defendia que o comportamento de vinculação continuava durante toda a vida de uma forma similar à última fase, apesar de após os 3 anos de idade, este comportamento ser menos frequente uma vez que a criança sente-se cada vez menos ameaçada.

A grande maioria das investigações centra-se na relação de vinculação entre mãe e filho, contudo, têm surgido estudos a mostrar a relevância da vinculação entre o pai e o filho no seu desenvolvimento psicossocial (Verschueren & Marcoen, 2005). No

próximo tópico é explicada a importância das figuras de vinculação parentais, salientando-se de que forma estas são construídas.

2.2. Vinculação à mãe e ao pai

Bowlby (1982) sugere que a criança organiza as suas relações com os cuidadores a partir do desenvolvimento de uma hierarquia de figuras de vinculação, constituída pela figura de vinculação primária, onde geralmente está presente a mãe como cuidador preferido da criança, e pelas figuras de vinculação secundária. Contudo, existem outros cuidadores, como o pai, que devem ser também considerados como figuras de vinculação primária (Berlin & Cassidy, 1999; Howes, 1999).

Existem estudos que concluíram que existe uma relação forte entre a vinculação ao pai e à mãe (Diener et al. 2007; Lieberman et al. 1999;). Por outro lado, existem autores que, a partir dos seus estudos, afirmam que existe uma associação modesta entre a vinculação da criança ao pai e à mãe (Fox et al., 1991). Verchueren e Marcoen (2005) sugerem que as crianças criam representações separadas das relações de vinculação com o pai e com a mãe. A presença de divergência de resultados é justificada pelo facto de, por um lado, se sugerir que a vinculação é característica da criança, por outro lado, por se considerar que a criança pode desenvolver um tipo de relação diferente com cada um dos pais, salientado que a vinculação é resultado da interação específica que a criança estabelece com o pai e com a mãe.

Paquette (2004) sugere que o pai desempenha um papel essencial ao nível do contacto que a criança estabelece com o mundo. Este afirma que a interação do pai com a criança tem uma elevada componente física, expressa através do jogo, momento em que o pai estimula, surpreende e desestabiliza a criança. Para além disso, o pai encoraja a criança a arriscar e sair fora da sua zona de conforto, assegurando, ao mesmo tempo, a

sua segurança e proteção. Contrariamente aos fatores associados à relação com o pai, a relação da mãe com a criança parece estar mais associada ao conforto e à proteção em situações mais angustiantes. Russell e Russell (1987) concluíram que as mães que interagem mais com os filhos, são mais diretivas e envolvem-se mais nos cuidados com os filhos, enquanto que o contexto de jogo é mais característico da interação entre pai e filho.

Um estudo elaborado por Brown e os seus colaboradores (2007) obteve resultados que indicam que quando o pai adota comportamentos parentais positivos, a criança desenvolve uma vinculação relativamente segura, independentemente do envolvimento do pai. No entanto, quando pai apresenta comportamentos parentais menos adequados, e mostra um envolvimento elevado, a criança desenvolve uma vinculação menos segura. Outro aspeto que parece influenciar a qualidade de vinculação da criança com o pai é a sensibilidade deste (van Ijzendoorn & De Wolff, 1997). Grossman et al. (2002) verificaram que as crianças que apresentavam uma vinculação segura à mãe e que percecionavam o pai como desafiante e responsivo durante o jogo, tinham maiores probabilidades de ter uma vinculação segura.

Durante a adolescência a vinculação da criança com os pais começa a ser substituída por relações com os outros, geralmente colegas da escola. É nesta fase que ocorrem mudanças significativas na vida do jovem que podem estar associadas à uma modificação do conceito de vinculação associada às suas figuras vinculativas (Bowlby, 1982). No ponto seguinte estão explicadas algumas das mudanças que ocorrem na vida do jovem e a relação que estas têm com o conceito de vinculação.

2.3. Vinculação na Adolescência

O padrão de Vinculação construído na infância tende a persistir até à idade adulta, sendo mesmo um protótipo de futuras relações (Perdereau & Atger, 2004). Todavia, e sendo a adolescência um período de grande transformação, onde se verifica um distanciamento das figuras de vinculação iniciais e uma mudança nestas relações, assim como a criação de novos laços afetivos com outras pessoas, é fundamental a existência de uma relação de vinculação segura na infância, na medida em que o sistema de vinculação parece ajudar o adolescente no processo de autonomização (Perdereau & Atger, 2004).

Ao longo da adolescência, a qualidade da relação adolescentes-pais modifica-se, devido ao desenvolvimento cognitivo e ao alargamento do espectro relacional, característico desta fase (Reitz et al., 2006). Ao longo deste período desenvolvimental, verifica-se que as transformações normativas desenvolvimentais na adolescência ativam o sistema de vinculação e, analogamente, existe uma oscilação entre este e a ativação do sistema exploratório (Bukowski, 2001).

A relevância da vinculação aos pais na adolescência tem sido documentada em vários estudos que encontram relações positivas entre a vinculação segura e diversos indicadores psicossociais como por exemplo o desenvolvimento da identidade/autonomia psicológica, a capacidade para estabelecer relações próximas, o sentimento de bem estar, entre outro (Scharf, Mayseless & Kivenson-Baron, 2004). Pelo contrário, vinculações inseguras têm mostrado relações com problemas diversos de comportamentos interiorizados e/ou exteriorizados (Machado, 2004; Soares, 2000). Assim, as investigações empíricas levam-nos a realçar a importância da qualidade da relação entre adolescentes e os seus pais para concretizar as tarefas desenvolvimentais deste período,

enaltecendo o papel fundamental dos pais bem para além dos anos de infância (McCarthy et al., 2006; Sampaio, 2006; Silva & Costa, 2005)

Por outro lado, não podemos esquecer que a adolescência é uma fase de extrema importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e é marcada por um conjunto de mudanças que permitem uma progressiva transição da infância para a idade adulta. Segundo Alarcão (2000), é devido a todas essas mudanças que a adolescência é considerada como um período de experimentação, onde o adolescente experimenta diversos papéis e relações, fundamentais para a construção da sua identidade. O sistema de vinculação pode facilitar o processo de autonomia do adolescente, tornando-se este processo mais fácil quanto mais seguras forem as suas relações com as figuras parentais (Perdereau & Atger, 2004). Também segundo os mesmos autores, durante a adolescência emerge a imposição de uma organização predominante da vinculação, a partir dos padrões de comportamento divergentes perante as figuras de vinculação, sendo tal processo possibilitado pela evolução das capacidades cognitivas do adolescente. Neste sentido, tais capacidades acrescidas possibilitam, ainda, a construção de um padrão de experiências de vinculação mais integrado e generalizado, elaborado a partir de experiências com múltiplas figuras significativas. Deste modo, os desenvolvimentos cognitivos e emocionais que se afiguram permitem a reflexão e a modificação das conceções mentais relativamente às relações de vinculação (Perdereau & Atger, 2004).

Num estudo realizado por Machado e Oliveira (2007), na população portuguesa, com o objetivo de avaliar a qualidade da vinculação aos pais em adolescentes portugueses, é indicada uma diferença de valorização das dimensões avaliadas consoante a idade e o sexo dos adolescentes.

2.4. Síntese

Ao longo do capítulo podemos constatar a longevidade da teoria da vinculação de Bowlby e a forma como esta se estende pela vida do ser humano, passando das vinculações básicas à mãe e ao pai, às vinculações a outras figuras significativas como os pares (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988; Soares, 2006). As relações de vinculação associadas ao pai e à mãe apresentam algumas diferenças, sendo que a vinculação à mãe continua a ser indicada como a primeira relação de vinculação para o bebé. Contudo, inúmeros estudos salientam a importância da relação de vinculação ao pai.

Consoante o tipo de vinculação que o jovem cria na infância, este vai desenvolver relações com pares e explorar o ambiente ao seu redor de forma muito específica, caracterizada pela confiança que tem em si e no ambiente ou então pela falta da mesma (Perdereau & Atger, 2004). A adolescência é considerada um período onde ocorrem inúmeras alterações no sistema desenvolvimental do jovem, sendo as relações com os pares as mais relevantes. Durante este período, os modelos internos do jovem apresentam alguma plasticidade, o que vai permitir que este ajuste as suas relações de vinculação, sendo que as relações de vinculação associadas à infância podem também sofrer alterações aquando de ocorrências de eventos marcantes (Bowlby, 1982).

No seguinte capítulo estará disposto o estudo empírico, abordando objetivos, métodos e resultados associados à vinculação à mãe e ao pai, e ao envolvimento parental no desporto, com o intuito de validar ou refutar os mesmos, discutindo-os e comparando-os com estudos anteriores onde analisadas as variáveis do presente estudo.

Capítulo III – Estudo Empírico

A grande maioria dos processos de investigação científica é iniciada mediante a formulação de uma pergunta de partida. No início do processo do presente estudo destacaram-se duas grandes variáveis: o envolvimento parental no desporto e a vinculação à mãe e ao pai. A partir destas duas variáveis, foi colocada a seguinte questão: De que forma poderá o envolvimento parental no desporto ter impacto na vinculação ao pai e à mãe, tendo em conta fatores como a idade, o nível socioeconómico dos pais, o tempo de prática desportiva, o escalão competitivo e o acompanhamento em contexto desportivo?

A partir da pergunta de partida foram delineados objetivos e traçado um projeto de investigação específico para que pudessem ser alcançados os objetivos propostos e para que fosse encontrada uma ou mais respostas para a pergunta de partida.

3. Objetivos do estudo

3.1. Objetivo Geral

O objetivo principal do estudo é identificar de que forma o envolvimento parental no contexto desportivo do jovem, tem implicações na sua relação de vinculação com os pais, considerando a idade, o NSE e o tempo de frequência da prática desportiva, o escalão competitivo e o acompanhamento em contexto desportivo.

3.2. Objetivos Específicos

Como objetivos específicos apresentamos:

Objetivo 1: Estudar as qualidades psicométricas do instrumento *Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto* (Gomes, 2016).

Objetivo 2: Estudar as qualidades psicométricas do instrumento *Inventory for Parent and Peer Attachment* (Armsden & Greenberg, 1987), versão adaptada para a população portuguesa por Carvalho e Costa (2018).

Objetivo 3: Verificar se existe relação entre o envolvimento parental no desporto e a vinculação ao pai e à mãe.

Objetivo 4: Verificar se existem diferenças quanto ao envolvimento parental no desporto, em função do Nível Socioeconómico.

Objetivo 5: Verificar se existem diferenças quanto à vinculação à mãe e ao pai, considerando as dimensões confiança, autonomia e alienação em função da idade dos jovens;

Objetivo 6: Verificar se existem diferenças quanto à vinculação à mãe e ao pai, considerando as dimensões confiança, autonomia e alienação, em função do escalão competitivo.

Objetivo 7: Verificar se existem diferenças quanto ao envolvimento parental no desporto (Apoio desportivo, Acompanhamento desportivo, Influência técnica, Pressão para o rendimento, Expetativas desportivas), em função do escalão competitivo.

Objetivo 8: Verificar se existem diferenças quanto ao envolvimento parental (Apoio desportivo, Acompanhamento desportivo, Influência técnica, Pressão para o rendimento, Expetativas desportivas), em função do tempo de prática desportiva.

Objetivo 9: Verificar se existem diferenças quanto à vinculação à mãe e ao pai, considerando as dimensões confiança, autonomia e alienação, em função de quem acompanha o jovem em contexto de competição.

3.3. Definição de variáveis

Lakatos e Marconi (2003) consideram como uma variável uma classificação ou uma medida, ou seja, um conceito operacional, que contem ou apresenta valores. Também pode ser definida como um atributo que reflete ou expressa um conceito ou constructo, e que pode assumir diferentes valores (Coutinho, 2015).

Devido à sua relevância nas investigações, é importante fazer a distinção entre variáveis primárias e secundárias, assim como identificar as variáveis em questão. As variáveis primárias geralmente estão presentes na pergunta de partida de investigação. Estas devem ser capazes de proporcionar evidência clínica mais relevante e convincente em relação ao objetivo principal. Por sua parte, as variáveis secundárias completam a resposta à pergunta de partida de investigação, ajudando a entender o comportamento da variável primária (Castro, 2001; Sampaio & Ferreira, 1997).

Neste estudo consideramos duas variáveis primárias: vinculação à mãe e ao pai e o envolvimento parental no desporto. A primeira é definida por Bowlby (1982) e Ainsworth (1979) como uma relação emocional profunda e duradoura, a vinculação é caracterizada pelo afeto mútuo e pelo desejo de manter a proximidade, sendo um processo que se forma durante a primeira infância, baseado na natureza e na qualidade das primeiras interações da criança com as figuras parentais ou com outras figuras próximas e/ou substitutas (Bowlby, 1981). Bowlby (1981) defendia ainda que o comportamento de vinculação continuava durante toda a vida de uma forma similar à última fase. A segunda variável primária, o envolvimento parental no desporto é definida por Gurland e Grolnick (2005) como um conjunto variado de atitudes, crenças e comportamentos dos pais que influenciam a prática desportiva dos jovens. Horn e Horn (2007) apontam a família como a principal influência para o desenvolvimento pessoal, social e desportivo do atleta. Neste caso, o seu envolvimento no desporto coloca-os numa posição com o poder de afetar os

atletas positivamente ou negativamente (Gomes, 2010). O estudo apresenta como variáveis secundárias a idade, o Nível Socioeconómico (NSE), definido como posição ou ordem relativa de um indivíduo numa hierarquia baseada em atributos sociais e económicos, que se exprimem no acesso diferencial a recursos e comodidades valorizadas (Haug, 1977), o tempo de prática desportiva, sendo este o período de tempo entre o início de prática desportiva e a presente época, e acompanhamento em contexto desportivo, estando esta variável associada a quem acompanha regularmente o jovem em contexto desportivo, seja este treinos, jogos e deslocações para os mesmos.

4. Método

4.1. Participantes

Na presente investigação participaram 112 jovens atletas de várias organizações desportivas do distrito de Aveiro. Os participantes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos ($M=14.3$; $DP=1.51$) foram recrutados nos seguintes clubes: União Desportiva Oliveirense ($n=50$), Ginásio Clube de Águeda ($n=17$), Clube dos Galitos ($n=14$) e Casa do Povo de Esgueira ($n=31$). Relativamente aos anos de prática desportiva, a amostra apresenta-nos uma média de 6.2 anos de prática desportiva, sendo o desvio de padrão de 2.9. Quanto aos escalões desportivos, 37 atletas pertencem ao escalão de sub 14, 41 atletas pertencem ao escalão de sub16 e 34 atletas pertencem ao escalão de sub 18. No que concerne ao Nível Socioeconómico dos encarregados de educação este foi dividido em três níveis: o nível 1 (Nível Alto e Nível Médio- Alto), o nível 2 (Nível Médio) e o nível 3 (Nível Médio-Baixo e Nível Baixo). Tendo em conta a presente divisão, foi possível verificar que 57,1% dos encarregados de educação se enquadram no Nível 1 do Nível Socioeconómico. Como critérios de inclusão foi estabelecido um limite de idades entre os 12 e os 17 anos inclusive, a prática da

modalidade de basquetebol e a presença na competição da mesma há pelo menos um ano. A tabela 2 e a tabela 3 sumarizam de forma mais sistemática as variáveis acima apresentadas.

Tabela 2

Caracterização da amostra recorrendo às variáveis NSE, idade e anos de prática desportiva

		Anos de prática desportiva			
		1	2	3	Total
		<i>N</i>	<i>N</i>	<i>N</i>	<i>N</i> (%)
NSE	Idade				
	12-13	5	16	3	24(37.5)
Nível 1	14-15	10	6	9	25(39.1)
	16-17	2	6	7	15(23.4)
	Total	17	28	19	64(100)
	12-13	3	6	3	12(36.4)
Nível 2	14-15	4	5	2	11(33.3)
	16-17	2	6	2	10(30.3)
	Total	9	17	7	33(100)
	12-13	6	1	1	8(53.3)
Nível 3	14-15	3	0	2	5(33.3)
	16-17	0	0	2	2(13.3)
	Total	9	1	5	15(100)

Nota: NSE, Nível Socioeconómico, Nível 1, Nível Socioeconómico Alto ou Médio Alto; Nível 2, Nível Socioeconómico Médio; Nível 3, Nível Socioeconómico Médio Baixo ou Baixo; 1, de 1 a 4 anos; 2, de 5 a 8 anos; 3, de 9 a 12 anos.

Tabela 3

Caracterização da amostra recorrendo às variáveis NSE, Escalão Desportivo e Acompanhamento em contexto desportivo

		Acompanhamento em contexto desportivo			
		Pai	Mãe	Pai e Mãe	Total
		<i>N</i>	<i>N</i>	<i>N</i>	<i>N</i> (%)
NSE	Escalão Desportivo				
Nível 1	Sub 14	7	2	13	22(34.4)
	Sub 16	10	3	10	23(35.9)
	Sub 18	7	3	9	19(29.7)
	Total	24	8	32	64(100)
Nível 2	Sub 14	2	0	6	8(24.2)
	Sub 16	4	2	6	12(36.4)
	Sub 18	4	2	7	13(39.4)
	Total	10	4	19	33(100)
Nível 3	Sub 14	5	2	0	7(46.7)
	Sub 16	2	2	2	6(40)
	Sub 18	1	1	0	2(13.3)
	Total	8	5	2	15(100)

Nota: NSE, Nível Socioeconómico, Nível 1, Nível Socioeconómico Alto ou Médio Alto; Nível 2, Nível Socioeconómico Médio; Nível 3, Nível Socioeconómico Médio Baixo, Baixo.

4.2. Materiais

No presente estudo foi aplicada uma bateria de instrumentos constituída por um Questionário sociodemográfico, o Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (QCPD) da autoria de Gomes (2016), e pelo Inventário de Vinculação aos Pais e Pares, versão traduzida por Carvalho e Costa (2018) do *Inventory of Parent and Peer Attachment* de Armsden & Greenberg (1987).

4.2.1. Questionário Sociodemográfico

Este questionário foi elaborado especificamente para atletas, de modo a obter informações pertinentes para o estudo. No presente questionário são exploradas

variáveis como a idade, o ano de escolaridade, com quem vive, escalão competitivo, anos de prática desportiva e o acompanhamento em contexto desportivo. O instrumento é constituído por 12 itens, sendo este composto por itens de resposta aberta e por itens de resposta fechada. Nenhum dos itens do questionário compromete a confidencialidade e o anonimato dos participantes.

4.2.2. Questionário de comportamentos parentais no Desporto

Desenvolvido a partir dos trabalhos de Gomes (2010) e Gomes e Zão (2007), o instrumento apelidado de Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (versão para atletas) tem como objetivo avaliar a relação estabelecida entre pais e filhos, com base na atividade desportiva (Gomes, 2016).

Em 2016 decorre a revisão do instrumento por Gomes, Gonçalves e Vasconcelos, onde foi analisada a estrutura fatorial, alterado o número de itens e ajustada a designação de algumas subescalas avaliadas. De modo a obter uma maior congruência entre este instrumento e a versão dirigida aos pais, foi mais discriminada a dimensão anterior apelidada de “Influência técnica e desportiva” para duas dimensões, agora designadas por “Influência técnica” e “Expetativas Desportivas”.

No presente estudo, será utilizada apenas a versão para atletas, estando esta dividida em duas versões para avaliar a perceção dos atletas acerca dos comportamentos parentais do pai e da mãe no desporto, individualmente.

Deste modo, o QCPD divide-se em duas versões destinadas a avaliar o pai e a mãe, com um total de 18 itens. Em ambas as versões são avaliadas cinco dimensões:

- Apoio desportivo: apoio, satisfação e interesse dos pais pela atividade desportiva do(a) filho(a) (ex: “o meu pai/mãe demonstra apoio pelo facto de eu continuar a fazer desporto”).

- Acompanhamento desportivo: presença dos pais nas competições do(a) filho(a) (ex: o meu pai/mãe assiste aos meus jogos/competições).
- Influência Técnica: tendência dos pais fornecerem conselhos sobre a forma como o/a filho(a) pode melhorar as competências técnicas e sobre o modo como deve treinar ou competir (ex: “o meu pai/mãe dá-me conselhos sobre a forma como devo treinar e jogar/competir”).
- Pressão para rendimento: comportamentos negativos dos pais face a um mau rendimento e a resultados desportivos desfavoráveis do(a) filho(a) (ex: “o meu pai/mãe critica-me e fica desiludido se eu tiver um mau resultado desportivo”).
- Expetativas desportivas: expetativas positivas dos pais quanto ao futuro desportivo do(a) filho(a) (ex: “o meu pai/mãe faz planos para mim enquanto futuro(a) atleta”)

Os itens pertencentes às dimensões são respondidos numa escala tipo *Likert* de cinco pontos (1 = Nunca ; 5 = Sempre). Os *scores* de cada subescala serão obtidos através da soma dos valores atribuídos a cada um dos respetivos itens, dividindo-se depois o valor encontrado pelo número total de itens da dimensão em causa (Gomes, 2016).

Assim, uma maior perceção de apoio parental no desporto resulta de valores mais elevados nas dimensões Apoio desportivo, Acompanhamento desportivo, Influência técnica e Expetativa desportivas e valores mais baixos na dimensão Pressão para rendimento.

Num estudo orientado por Gomes (2019), com uma amostra que incluía jovens

do sexo feminino e masculino, foram avaliados os valores psicométricos de quatro subescalas do instrumento tendo sido encontrados os seguintes valores para o Coeficiente de *Alpha* de *Cronbach*: na subescala Apoio Parental, versão pai, $\alpha = .76$ e versão mãe, $\alpha = .83$; na subescala Expetativas Desportivas, versão pai, $\alpha = .67$ e versão mãe, $\alpha = .77$; na subescala Pressão para Rendimento, versão pai, $\alpha = .89$ e versão mãe, $\alpha = .92$; na subescala Acompanhamento Desportivo, versão pai, $\alpha = .94$ e versão mãe, $\alpha = .93$.

O autor em 2010 realizou uma análise fatorial para estas quatro subescalas, onde na versão mãe, foram encontrados fatores que explicavam 71,9% da variância total, e na versão pai, foram também encontrados 4 fatores que explicavam 72,3% da variância total.

4.2.3. Inventory of Parents and Peer Attachment

Da autoria de Armsden & Greenberg (1987) o conteúdo do instrumento baseia-se nas formulações teóricas da teoria da vinculação de Bowlby, aceitando que à medida que se desenvolvem os processos cognitivos, as representações internas tendem a assumir um papel relevante na forma como o sujeito lida com as relações e no seu bem-estar psicológico. O IPPA foi desenvolvido para avaliar as perceções dos adolescentes sobre a dimensão afetiva/cognitiva positiva e negativa das relações com os seus pais e pares.

No presente estudo serão apenas utilizadas as duas primeiras partes referentes à vinculação ao pai e à mãe, negligenciando assim a parte referente aos pares. Será utilizada a adaptação de Carvalho e Costa (2018) para a população portuguesa.

As análises fatoriais realizadas pelos autores levaram à distinção de três subescalas relativas à representação da vinculação aos pais:

- Subescala de Confiança avaliando sentimentos de confiança, compreensão mútua e respeito;
- Subescala de Comunicação, medindo a extensão e qualidade da comunicação verbal;
- Subescala de Alienação ou zanga, que diz respeito aos sentimentos de alheamento e isolamento interpessoal;

Cada subescala é composta por 25 itens, sendo cada item cotado através de uma escala de *Likert* de 5 pontos: “Quase nunca ou nunca”, “Raramente”, “Algumas vezes”, “Muitas vezes” e “Quase sempre ou sempre”, consoante o sujeito concorda com a afirmação. O IPPA é classificado pela pontuação reversa dos itens com palavras negativas e o somatório dos valores das respostas em cada secção. Ou seja, o cálculo das dimensões resulta da soma das subescalas Confiança e Comunicação e da subtração da escala Alienação. Os sujeitos podem ser classificados em dois grupos extremos: seguros e inseguros. Neste sentido, os autores referem que se deverá considerar seguros em termos de vinculação, quando se obtêm valores acima da mediana, enquanto os inseguros devem obter valores abaixo da mediana (Armsden & Greenberg, 1987).

Segundo Armsden e Greenberg (1987) o *score* obtido em cada escala é a expressão da percepção que os adolescentes têm acerca da segurança emocional das relações de vinculação que estabelecem com os pais. Segundo os autores, os valores de coeficiente de *Alpha* de *Cronbach* foram de .87 para a versão mãe e .89 para a versão pai.

Num estudo realizado por Neves, Soares e Silva, em 1995, o instrumento obteve um coeficiente de *Alpha* de *Cronbach* para a vinculação ao pai de .95, para a mãe de .92 e .93 para a vinculação aos pares, sendo estes valores indicativos de uma boa consistência interna nas três escalas.

O instrumento foi inicialmente indicado para aplicação em crianças a partir dos 9 anos de idade, existindo estudos que elevam a idade de aplicação até aos 18 e 20 anos (Armsden & Greenberg, 1987; Ferronha et al. 2014). Neste estudo será utilizada a parte 1 e 2 correspondente à mãe e ao pai respetivamente, da versão adaptada para a população portuguesa por Carvalho e Costa (2018).

4.3. Procedimento

Numa fase inicial da investigação procedemos à realização da revisão da literatura. De modo a sustentar o estudo realizado e a proceder à elaboração dos objetivos, a revisão de literatura foi realizada a partir da leitura de artigos científicos, livros e publicações científicas direta ou indiretamente relacionadas com a questão inicial apresentada.

Posteriormente foi elaborado um projeto de investigação composto pelo procedimento de acesso aos participantes, preenchimento de materiais e tratamento de dados, pelas autorizações para a utilização dos materiais adequados, por parte dos seus autores e pelas autorizações das organizações desportivas participantes na investigação. O projeto foi apresentado à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa para que, após a sua aprovação, pudesse ser iniciado.

No que concerne ao acesso aos participantes, inicialmente as organizações desportivas foram contactadas via email com o objetivo de agendar uma reunião para explicar o projeto e obter a autorização para realização do mesmo. Após o estudo ser autorizado pelas organizações, realizou-se uma reunião com os encarregados de educação dos participantes com o intuito de explicar o procedimento do estudo e os seus objetivos, bem como para agendar a data para o preenchimento dos materiais. Nesta reunião foi explicado o carácter voluntário e confidencial da investigação, entregando a Declaração

de Consentimento Informado (Anexo 1) e um documento explicativo do estudo direcionado aos encarregados de educação de forma a esclarecer alguns aspetos do estudo (Anexo 2). Os materiais foram aplicados em forma de revista, numa data agendada previamente pela organização desportiva, numa sala que garantiu as condições básicas para a sua aplicação, isto é, tentando reduzir ao máximo a influência de determinados fatores distratores e mantendo todas as condições de higiene e segurança necessárias. De modo a garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes, as Declarações de Consentimento Informado foram guardadas num envelope à parte dos questionários.

Após a recolha de dados foi realizada a análise de dados. Sendo que as variáveis presentes na investigação são ordinais, ou seja implicam quantificação de ordem crescente ou decrescente, no que diz respeito à análise de dados, foi efetuada a inclusão dos dados quantitativos no SPSS, tendo sido desta forma possível correlacionar as variáveis de modo obter conclusões para os objetivos propostos.

De forma a simplificar o tratamento de dados, procedemos à operacionalização de algumas variáveis sociodemográficas. Relativamente às idades, estas foram agrupadas em três grupos. O 1º grupo inclui participantes com 12 e 13 anos, o 2º grupo inclui atletas com 14 e 15 anos e o 3º e último grupo inclui atletas com 16 e 17 anos. No que concerne à variável Nível Socioeconómico, para que fosse possível efetuar o cálculo que nos levasse ao nível socioeconómico dos encarregados de educação, no questionário sociodemográfico foi questionado qual a profissão e o grau de escolaridade de cada encarregado de educação. Assim, seguindo o documento NORMA SARL (anexo 3) de avaliação do estatuto socioeconómico, foram criados três níveis, o Nível 1, onde estavam incluídos os níveis Alto e Médio Alto, o Nível 2, onde estava incluído o nível Médio e, por último, o Nível 3, onde estavam incluídos os níveis Médio Baixo e Baixo. Relativamente ao tempo de prática desportiva, mais uma vez, foram criados três grupos,

o 1º grupo é constituído por atletas cuja prática desportiva varie de 1 a 4 anos, o 2º grupo é constituído por atletas cuja prática desportiva varie de 5 a 8 anos, e, 3º e último grupo é constituído por atletas cuja prática desportiva varie de 9 a 12 anos.

Assim, após realizarmos o tratamento e a análise dos dados, obtivemos resultados que a partir das suas particularidades permitiram-nos alcançar a grande maioria dos objetivos propostos.

4.4. Resultados

No presente tópico apresentamos os resultados das qualidades psicométricas de ambos os instrumentos utilizados (QCPD e IPPA), contemplando as estatísticas descritivas, a sensibilidade dos instrumentos e as suas análises fatoriais exploratórias e, finalmente, apresentamos estudos correlacionais e de análise de variância considerando as variáveis em estudo.

4.4.1. Estudo da Consistência Interna e Análise fatorial do Questionário de Comportamento Parentais no Desporto

Sendo o primeiro objetivo direcionado para o estudo das qualidades psicométricas do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (Gomes, 2016), seguidamente apresentamos o estudo da consistência interna e análise fatorial deste instrumento.

O estudo da consistência interna do Questionário de Comportamento Parentais no Desporto (Gomes, 2016) foi realizado a partir do cálculo do *Alpha* de *Cronbach* da escala total e das suas subescalas.

A subescala Acompanhamento Desportivo é a subescala que apresenta os valores mais elevados do questionário, tanto na versão mãe como na versão pai.

A subescala que apresenta os valores mais baixos, no entanto considerado muitos bons, é a subescala Apoio Desportivo, onde encontramos o valor mais baixo de α do questionário de .78 na versão mãe.

De forma global o Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (Gomes, 2016) apresenta valores totais de *Alpha de Cronbach* muito bons em ambas as versões. A Tabela 4 apresenta-nos os resultados obtidos para a versão mãe e versão pai.

Tabela 4

Valores de Alpha de Cronbach das subescalas do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto

	<i>Alpha de Cronbach</i>	
	Mãe	Pai
Subescalas		
Apoio Desportivo	.78	.82
Acompanhamento Desportivo	.96	.98
Influência técnica	.93	.93
Pressão para o rendimento	.91	.92
Expetativas desportivas	.84	.80
Total	.91	.92

A validade do construto foi estudada através da análise fatorial. O método de extração dos fatores utilizados foi o designado por componentes principais com o método de rotação Varimax.

Os dados foram submetidos a análise com a definição prévia de 5 fatores. Sendo o $K > 30$, mantivemos o número de fatores pelo critério do *scree plot*.

Assim, submetemos à análise fatorial em componentes principais 18 itens pertencentes a 5 subescalas, a saber: Apoio Desportivo (AD), Acompanhamento Desportivo (Ad), Influência Técnica (IT), Pressão para o Rendimento (PR) e Expetativas Desportivas (ED).

Em seguida, apresentamos os resultados obtidos para a versão mãe e pai, após efetuarmos a análise fatorial em componentes principais, com os dados recolhidos.

Na tabela 5 apresentamos os resultados obtidos na versão mãe. Foram encontrados 5 fatores que explicam sensivelmente 81% da variância total.

O fator I designado de Influência Desportiva é constituído maioritariamente por itens pertencentes à subescala Influência Técnica, englobando também um item da subescala Expetativas Desportivas.

O fator II, que designamos por Pressão para o Rendimento, é constituído apenas pelos 4 itens da subescala Pressão para o Rendimento, fazendo deste um fator puro. O mesmo podemos referir dos fatores III e IV, apelidados de Acompanhamento Competitivo e Apoio Desportivo respetivamente, uma vez que são ambos constituídos, na totalidade, unicamente por itens das suas referentes subescalas.

O fator V designado de Expetativas Desportivas é constituído pelos últimos dois itens da subescala Expetativas Desportivas.

No que concerne aos valores de comunalidade (h^2), estes apresentam-se elevados, sendo o item com menor valor o item 12 (.602) pertencente à subescala Acompanhamento Desportivo.

De forma global, encontramos uma correlação forte positiva em todos os itens da versão para a mãe.

Tabela 5

Análise fatorial do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (versão mãe), após rotação Varimax

Item	Fator					h^2
	I	II	III	IV	V	
11(IT)	.883					.900
3(IT)	.842					.725

6(IT)	.829					.831
16(IT)	.735					.799
10(ED)	.628					.725
18(PR)		.904				.851
14(PR)		.875				.816
4(PR)		.858				.798
9(PR)		.827				.756
13(Ad)			.926			.918
7(Ad)			.926			.953
2(Ad)			.922			.932
8(AD)				.846		.774
17(AD)				.767		.703
1(AD)				.724		.677
12(AD)				.610		.602
15(ED)					.797	.833
5(ED)					.770	.803
Val.	7.233	3.258	1.752	1.288	.986	
Próp.						
% Var.	40.181	18.101	9.735	7.156	5.476	$\Sigma Var =$
Total						80.650

Nota: AD, Apoio Desportivo; IT, Influência Técnica; PR, Pressão para o Rendimento; Ad, Acompanhamento Desportivo; ED, Expetativas Desportivas;

Relativamente à versão para o pai, a tabela 6 mostra-nos os resultados obtidos na análise fatorial. Foram encontrados 5 fatores que explicam sensivelmente 82% da variância.

O fator I designado de Influência Desportiva engloba todos os itens da subescala Influência Técnica e o item 12 da subescala Apoio Desportivo.

O fator II apelidado Pressão para o Rendimento, o fator III designado de Acompanhamento Competitivo e o fator V intitulado de Expetativas Desportivas, são fatores unicamente constituídos por itens associados às suas subescalas.

O fator IV designado por Apoio Desportivo é constituído pelos restantes três itens da subescala Apoio Desportivo.

Quanto aos valores de comunalidade (h^2), estes apresentam-se elevados em todos os itens, sendo o item 10 (.690) o item com o menor valor.

Assim como na versão para a mãe, todos os itens apresentam uma correlação positiva forte.

Tabela 6

Análise fatorial do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (versão pai), após rotação Varimax

Item	Fator					h^2
	I	II	III	IV	V	
3(IT)	.863					.828
11(IT)	.835					.867
6(IT)	.780					.753
16(IT)	.761					.788
12(AD)	.757					.718
14(PR)		.903				.830
4(PR)		.883				.842
9(PR)		.872				.790
18(PR)		.864				.794
7(Ad)			.925			.971
2(Ad)			.912			.952
13(Ad)			.906			.949
1(AD)				.874		.866
8(AD)				.800		.835
17(AD)				.673		.714
15(ED)					.866	.784
5(ED)					.794	.772
10(ED)					.660	.690
Val. Próp.	7.831	2.785	1.776	1.253	1.097	

% Var.	43.508	15.472	9.866	6.962	6.096	$\Sigma Var =$
Total						81.904

Nota: AD, Apoio Desportivo; IT, Influência Técnica; PR, Pressão para o Rendimento; Ad, Acompanhamento Desportivo; ED, Expetativas Desportivas;

4.4.2. Estudo da Consistência Interna e Análise fatorial do *Inventory of Parent and Peer Attachment*

Assim como o primeiro objetivo, também o segundo objetivo tem o intuito de estudar as qualidades psicométricas de um instrumento, sendo este a versão adaptada para a população portuguesa de Carvalho e Costa (2018) do *Inventory of Parent and Peer Attachment*. Este estudo foi realizado a partir do estudo da Consistência Interna e da Análise Fatorial do instrumento.

O estudo da consistência interna do *Inventory of Parent and Peer Attachment*, versão traduzida para a população portuguesa (Carvalho & Costa, 2018), foi realizado a partir do cálculo do *Alpha de Cronbach*, da escala total e das suas subescalas.

Após ter sido retirado um item a cada subescala, na versão mãe, conseguimos alcançar valores de α superiores a .70, tendo sido estes considerados razoáveis.

Na versão pai, a subescala que apresentou o valor de α superior foi a subescala Confiança (.83).

A tabela 7 mostra-nos os resultados obtidos no cálculo do *Alpha de Cronbach* para a versão mãe e pai.

Tabela 7

Valores de Alpha de Cronbach das subescalas do Inventory of Parents and Peers Attachment

	<i>Alpha de Cronbach</i>	
	Mãe	Pai
Subescalas		

Confiança	.71	.83
Comunicação	.72	.75
Alienação	.73	.69
Total	.63	.81

A validade do construto foi mais uma vez estudada a partir da análise fatorial. A extração dos fatores utilizados foi efetuada através do método de rotação Varimax.

Os dados foram submetidos a análise com a definição prévia de 3 fatores. Sendo o $K > 30$, mantivemos o número de fatores pelo critério do *scree plot*.

Assim, submetemos à análise fatorial em componentes principais 25 itens pertencentes a 3 subescalas, a saber: Confiança (Cf), Comunicação (Cm) e Alienação (A).

Em seguida, apresentamos os resultados obtidos para a versão mãe e pai, após efetuarmos a análise fatorial em componentes principais.

Na tabela 8 apresentamos os resultados obtidos na análise fatorial para a versão destinada à mãe, onde foram apenas inseridos 23 itens. Foram encontrados 3 fatores que explicam sensivelmente 46% da variância.

O fator I, o qual designamos de Comunicação e Confiança é constituído 4 itens da subescala Comunicação e por 4 itens da subescala Confiança sendo por isso considerado um fator misto. Neste fator foram encontrados os valores mais elevados e baixos de variância, correspondendo estes aos itens 19 (.782) e 22 (.354) das subescalas Comunicação e Confiança respetivamente.

O fator II apelidado de Alienação e Confiança engloba todos os itens da subescala Alienação e ainda 4 itens da subescala Confiança.

O fator III é constituído pelos restantes itens da subescala Comunicação e por um item da subescala Confiança.

Relativamente aos valores de comunalidade (h^2), estes são bons para a maioria dos itens exceto para os itens 3, 4, 7, 14, 21, 22, 23, que apresentam valores inferiores aos 0,40 considerados aceitáveis.

A grande maioria dos itens apresentam-se correlacionados positivamente, contudo, 3 itens apresentam uma correlação negativa.

Tabela 8

Análise fatorial do Inventory of Parent and Peer Attachment (versão mãe), após rotação Varimax

Item	Fator			h^2
	I	II	III	
19(Cm)	.782			.689
5(Cm)	.733			.564
15(Cm)	.725			.595
20(Cf)	.668			.534
13(Cf)	.651			.455
12(Cf)	.562			.336
16(Cm)	.513			.402
22(Cf)	.354			.176
2(Cf)		-.781		.692
17(A)		.695		.608
10(A)		.654		.556
18(A)		.648		.452
1(Cf)		-.624	.362	.545
3(Cf)		.607		.374
11(A)		.574		.418
23(A)		.502		.296
4(Cf)		-.404		.257
25(Cm)			.668	.474
24(Cm)			.664	.628
7(Cm)			.515	.377
21(Cf)			.433	.332

14(Cm)			.425	.325
Val. Próp.	6.498	2.196	1.401	
% Var. Total	29.537	9.981	6.366	Σ Var=
				45.885

Nota: Cf, Confiança; Cm, Comunicação; A, Alienação;

Relativamente à versão para o pai, foram encontrados 3 fatores que explicam sensivelmente 55% da variância.

O fator I apelidado de Confiança e Comunicação é um fator misto, onde estão presentes itens das subescalas Confiança e Comunicação. É neste fator que se encontra a maioria dos itens, representando 36.707% da variância.

O fator II, designado de Alienação e Confiança é constituído por grande parte dos itens da subescala Alienação e por um item da subescala Confiança.

O fator III é constituído por três itens, os itens 6 e 14 correspondentes à subescala Comunicação e o item 8 correspondente à subescala Alienação.

No que concerne aos valores do comunalidade (h^2), podemos afirmar que a versão para o pai apresenta bons valores de comunalidade, à exceção dos itens 3, 8, 9, 11, 18 e 23, sendo que os itens 8, 11, 18 e 23 pertencem à subescala *Alienação* e os itens 3 e 9 pertencem à subescala *Confiança*.

Globalmente, todos os itens apresentam uma correlação positiva.

Tabela 9

Análise fatorial do Inventory of Parent and Peer Attachment (versão pai), após rotação Varimax

Item	Fator			h^2
	I	II	III	
2(Cf)	.824			.690
1(Cf)	.823			.705

20(Cf)	.808			.715
4(Cf)	.792			.746
5(Cm)	.767			.642
19(Cm)	.746			.738
15(Cm)	.741			.688
22(Cf)	.732			.579
13(Cf)	.731			.648
24(Cm)	.729			.581
21(Cf)	.706			.596
25(Cm)	.702			.511
12(Cf)	.695			.528
7(Cm)	.684			.584
16(Cm)	.668			.668
10(A)		.797		.675
17(A)		.755		.652
11(A)		.563		.359
23(A)		.452		.322
18(A)		.451		.213
3(Cf)		.437		.210
9(Cf)		.347		.203
14(Cm)			.716	.568
6(Cm)			.701	.551
8(A)			.408	.327
Val. Próp.	9.177	2.835	1.686	
% Var. Total	36.707	11.341	6.742	$\Sigma Var =$
				54.790

Nota: Cf, Confiança; Cm, Comunicação; A, Alienação;

4.4.3. Análise de Correlações dos Instrumentos

O terceiro objetivo foi formulado com o intuito de analisar possíveis correlações entre as subescalas dos instrumentos IPPA e QCPD. Assim, após efetuarmos o cálculo da Correlação de *Pearson* entre as subescalas existentes nos dois instrumentos, nas versões

para a mãe e para o pai, podemos constatar algumas correlações fortes entre algumas subescalas.

Relativamente à versão para a mãe, verificamos que as subescalas que apresentam correlações mais elevadas, ainda que moderadas, são: o Apoio Desportivo, o Acompanhamento Desportivo e a Influência Técnica. A subescala Acompanhamento Desportivo e Confiança apresentam o maior valor de correlação encontrado na versão mãe ($r = .366$).

A subescala Alienação apresenta valores correlacionais negativos quando correlacionada com a subescala Apoio Desportivo, Acompanhamento Desportivo e Influência.

A subescala Expectativas Desportivas apresenta correlação positiva apenas com a subescala Comunicação.

No que toca à subescala Pressão para o Rendimento, não foram encontradas correlações com as subescalas do IPPA.

Tabela 10

Correlação de Pearson entre as subescalas do IPPA e do QCPD (versão mãe)

	IPPA (Subescalas)		
	Confiança	Comunicação	Alienação
QCPD (Subescalas)			
Apoio desportivo	.286 **	.334**	-.198*
Acompanhamento desportivo	.366**	.185**	-.279**
Influência técnica	.264**	.331**	-.202*
Expectativas Desportivas		.280*	

Nota: ** $p < 0.01$; * $p < 0.05$; QCPD, Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto; IPPA, Inventory of Parents and Peers Attachment;

No que concerne à versão para o pai, foram encontrados valores de correlação elevados, porém moderados, nas subescalas Apoio Desportivo, Acompanhamento Desportivo, Influência Técnica e Expectativas Desportivas.

A subescala Alienação apresenta apenas uma correlação, sendo esta negativa e com a subescala Influência Técnica.

A subescala Pressão para o rendimento não apresenta nenhum valor correlacional com as subescalas do instrumento IPPA.

Tabela 11

Correlação de Pearson entre as subescalas do IPPA e do QCPD, (versão pai)

	IPPA (Subescalas)		
	Confiança	Comunicação	Alienação
QCPD (Subescalas)			
Apoio desportivo	.680 **	.585*	
Acompanhamento desportivo	.457**	.547**	
Influência técnica	.511**	.557**	-.191*
Expectativas desportivas	.428**	.444**	

Nota: **p<0.01; *p<0.05; QCPD, Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto; IPPA, Inventory of Parents and Peers Attachment;

4.4.4. Análise de Variâncias dos instrumentos

De modo a comparar vários grupos independentes, foi efetuada uma Análise de Variância (ANOVA) unifatorial, que nos permite comparar 3 ou mais grupos independentes de uma variável dependente intervalar (Martins, 2011).

Nos seguintes resultados apresentados, foi sempre realizada a Análise de Variância fatorial de modo a encontrar as diferenças associadas a cada variável independente.

O quarto objetivo tem o intuito de verificar possíveis diferenças em relação ao envolvimento parental no desporto, em função do Nível Socioeconómico (NSE).

Ao efetuarmos o cálculo são-nos apresentadas duas diferenças significativas associadas às subescalas Apoio Desportivo e Acompanhamento Desportivo. Através do *Post-Hoc* de *Scheffé* percebemos que estas diferenças estão a favor de pais cujo NSE apresenta-se no Nível Alto e Médio Alto, ou seja, pais com superior nível socioeconómico demonstram maior apoio e maior acompanhamento desportivo do que pais com um nível socioeconómico mais baixo. As restantes subescalas não apresentaram resultados significativos, Influência Técnica ($F(2,109) = 1.913, p = .153$), Pressão para o rendimento ($F(2,109) = .296, p = .745$) e Expetativas Desportivas ($F(2,109) = .187, p = .830$).

Relativamente à versão para a mãe não foram encontrados resultados significativos: Apoio Desportivo ($F(2,109) = 1.050, p = .354$), Acompanhamento Desportivo ($F(2,109) = .523, p = .594$), Influência Técnica ($F(2,109) = 1.748, p = .179$), Pressão para o Rendimento ($F(2,109) = 1.760, p = .177$) e Expetativas Desportivas ($F(2,109) = 1.003, p = .370$).

Na tabela 12 estão apresentados os resultados obtidos a partir da Análise de Variância entre as subescalas dos QCPD e o NSE.

Tabela 12

Análise de Variância fatorial ao nível do QCPD em função no NSE (versão pai)

QCPD	ANOVA			
	<i>M(DP)</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>	<i>Scheffé</i>
Apoio Desportivo	4.415(0.728)	3,514	.033	1>3
Acompanhamento Desportivo	4.077(1.151)	3,104	.049	

Nota: 1, NSE Alto e Médio Alto ; 2, NSE Médio; 3, NSE Médio Baixo e Baixo, Inventory of Parents and Peers Attachment;

O quinto objetivo tem o intuito de analisar possíveis diferenças em relação à vinculação aos pais, em função da idade. Assim, recorrendo ao instrumento IPPA, efetuamos a análise de variância em função da idade.

Na tabela 13 encontram-se os resultados obtidos ao nível das subescalas do IPPA em função da idade, na versão para o pai.

Foram encontradas diferenças significativas ao nível das subescalas Confiança e Comunicação em função da idade dos jovens, $F(2,109) = 6.801, p = .002$ e $F(2,109) = 4.916, p = .009$. O teste *Post-Hoc* de *Scheffé* mostra que os atletas com idades compreendidas entre 12 e 13 anos relatam maior confiança com o pai do que os atletas com idade compreendida entre 14 e 15, e 16 e 17. Relativamente à comunicação, os atletas com idades compreendidas entre os 12 e 13 relatam maior comunicação com o pai do que os atletas com idades compreendidas entre 16 e 17 anos.

Na versão para a mãe não foram relatadas variâncias significativas nas seguintes subescalas: Confiança, $F(2,109) = 2.106, p = .138$; Comunicação, $F(2,109) = 1.858, p = .16$; Alienação, $F(2,109) = .347, p = .708$.

Tabela 13

Análise de Variância fatorial ao nível da vinculação em função da idade (versão pai)

IPPA	ANOVA			
	<i>M(DP)</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>	<i>Scheffé</i>
Confiança	37.839(5.813)	6.801	.002	1>2 1>3
Comunicação	31.508(6.411)	4.916	.009	1>3

Nota: 1, 12 e 13 anos; 2, 14 e 15 anos; 3, 16 e 17 anos; IPPA, Inventory of Parents and Peers Attachment;

O objetivo 6 tem o intuito de verificar possíveis diferenças ao nível da vinculação parental, em função do escalão desportivo dos jovens. De modo a termos uma possível

resposta ao objetivo, recorreremos novamente ao instrumento IPPA e efetuamos uma análise de variância em função do escalão desportivo.

Na tabela 14 encontram-se os resultados da análise de variância ao nível da vinculação, em função do escalão competitivo, na versão para o pai.

Foram relatadas variâncias significativas ao nível das subescalas Confiança e Comunicação, em função do escalão competitivo, $F(2,109) = 4.826, p = .010$ e $F(2,109) = 5.052, p = .008$. O Teste *Post-Hoc* de *Scheffé* constata que os atletas do escalão sub 14 apresentam maior grau de Confiança e Comunicação com o pai, do que os atletas de sub 18.

Na versão para a mãe não se apresentam variâncias significativas nas seguintes subescalas: Confiança, $F(2,109) = 1.527, p = .222$; Comunicação, $F(2,109) = 1.588, p = .209$; Alienação, $F(2,109) = .103, p = .902$.

Tabela 14

*Análise de Variância ao nível da vinculação em função do escalão competitivo
(versão pai)*

IPPA	ANOVA			
	<i>M(DP)</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>	<i>Scheffé</i>
Confiança	37.839(5.813)	4.826	.010	Sub 14 > Sub 18
Comunicação	31.508(6.410)	5.052	.008	Sub 14 > Sub 18

Nota: IPPA, Inventory of Parents and Peers Attachment;

Utilizando a mesma variável secundária, escalão competitivo, o sétimo objetivo está mais uma vez direcionado para a análise de diferenças, contudo, ao nível do envolvimento parental no desporto. Assim, efetuamos uma análise de variância ao nível

do envolvimento parental no desporto recorrendo ao instrumento QCPD, em função do escalão competitivo.

Na tabela 15 estão presentes os resultados da análise de variância ao nível do envolvimento parental no desporto, em função do escalão de competição, na versão para a mãe.

A tabela mostra-nos diferenças significativas ao nível da subescala Expetativas Desportivas em função do escalão competitivo do jovem, $F(2,109) = 6.940, p = .001$. O teste *Post-Hoc* de *Scheffé* constata que os atletas do escalão de sub 14 relatam que as mães apresentam mais expetativas desportivas que os atletas de escalão sub 18. Na subescala Influência Técnica foram encontrados resultados parcialmente significativos, $F(2,109) = 3.023, p = .053$. Contudo, nas restantes subescalas apresentadas não foram encontradas variâncias significativas: Apoio Desportivo, $F(2,109) = 1.669, p = .193$; Acompanhamento Desportivo, $F(2,109) = .604, p = .548$; Pressão para o Rendimento, $F(2,109) = 1.160, p = .317$.

Tabela 15

Análise de Variância ao nível do envolvimento parental em função do escalão competitivo (versão mãe)

QCPD	ANOVA			
	<i>M(DF)</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>	<i>Scheffé</i>
Expetativas desportivas	3.090(1.287)	6.940	.001	Sub 14 > Sub 18

Nota: QCPD, Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto;

Na tabela 16 estão presentes os resultados associados à mesma operação da tabela 15, contudo na versão para o pai.

Existem variâncias significativas ao nível das subescalas Apoio Desportivo, Influência Técnica e Expetativas Desportivas, em função do escalão competitivo. A

variância superior encontra-se associada à subescala Apoio Desportivo, $F(2,109) = 4.675, p = .013$. O Teste *Post-Hoc* de *Scheffé* revelou que os atletas do escalão sub 14 apresentam maior Apoio Desportivo, Influência Técnica e Expetativa Desportiva, associada ao pai, do que os atletas do escalão sub 18. Este demonstra, também, que os atletas de sub 14 apresentam pais com maior Influência Técnica do que os atletas sub 16, e que estes apresentam pais com maior Expetativa Desportiva do que os atletas do escalão sub 18. As restantes subescalas apresentadas não apresentaram variâncias significativas: Acompanhamento Desportivo, $F(2,109) = 1.998, p = .140$; Pressão para o rendimento, $F(2,109) = 2,614, p = .078$.

Tabela 16

Análise de Variância ao nível do envolvimento parental, em função do escalão competitivo (versão pai)

QCPD	ANOVA			
	<i>M(DF)</i>	<i>F</i>	<i>Sig</i>	<i>Scheffé</i>
Apoio Desportivo	4.675(.456)	4.510	.013	Sub 14 > Sub 18
Influência técnica	4.135(.824)	7.625	.001	Sub 14 > Sub 16 Sub 14 > Sub 18
Expetativas desportivas	3.288(1.094)	10.870	.000	Sub 14 > Sub 18 Sub 16 > Sub 18

Nota: QCPD, Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto;

Para a observação de diferenças do oitavo objetivo, foi realizada uma Análise de Variância Unifatorial ao nível do envolvimento parental, em função do tempo de prática desportiva. A partir dos resultados obtidos, concluímos que existe apenas uma diferença

parcialmente significativa associada à subescala Pressão para o Rendimento, $F(2,109)=2,780, p = .066$, na versão destinada ao pai. Em relação às restantes subescalas da versão para o pai, não foram encontradas diferenças significativas nas subescalas Apoio Desportivo, $F(2,109) = 1,320, p = .271$, Acompanhamento Desportivo, $F(2,109) = .391, p = .677$, Influência Técnica, $F(2,109) = .956, p = .388$ e Expetativas Desportivas, $F(2,109) = .295, p = .745$. Relativamente à versão para a mãe, não foram encontradas diferenças significativas nas seguintes subescalas: Apoio Desportivo, $F(2,109) = .701, p = .498$; Acompanhamento Desportivo, $F(2,109) = .633, p = .533$; Influência Técnica, $F(2,109) = .024, p = .976$; Pressão para o Rendimento, $F(2,109) = .981, p = .378$; Expetativas Desportivas, $F(2,109) = .223, p = .800$.

Para finalizar, o nono objetivo está direcionado para análise de diferenças ao nível da vinculação, em função do acompanhamento em contexto desportivo. Utilizando o instrumento IPPA, efetuamos uma Análise de Variância Unifatorial.

Existem variâncias significativas ao nível das subescalas Confiança e Comunicação em função de quem acompanha o jovem em contexto desportivo, $F(2,109) = 4.826, p = .010$ e $F(2,109) = 5.052, p = .008$. O teste *Post-Hoc* de *Scheffé* revelou que os atletas cujo pai está mais presente ao nível de acompanhamento apresentam maior confiança com o pai do que aqueles que são acompanhados pela mãe. Os atletas que são acompanhados pelo pai e pela mãe apresentam maior comunicação com o pai do que os atletas apenas acompanhados pela mãe. No que concerne à subescala *Alienação* não foram encontradas variâncias significativas, $F(2,109) = .063, p = .939$.

Na versão para a mãe não foram encontradas variâncias significativas nas seguintes subescalas: Confiança, $F(2,109) = .130, p = .878$; Comunicação, $F(2,109) = .052, p = .949$; Alienação, $F(2,109) = .081, p = .923$. Na tabela 17 estão demonstrados

os resultados obtidos da Análise de Variância ao nível da vinculação e do acompanhamento em contexto desportivo.

Tabela 17

Análise de Variância ao nível da vinculação em função do acompanhamento em contexto desportivo (versão pai)

IPPA	ANOVA			
	<i>M(DP)</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>	<i>Scheffé</i>
Confiança	37.839(5.813)	4.826	.010	Pai > Mãe Mãe e Pai > Mãe
Comunicação	31.508(6.410)	5.052	.008	Pai > Mãe

Nota: IPPA, Inventory of Parents and Peers Attachment;

Após a descrição e caracterização dos resultados é necessário elaborar uma discussão acerca dos mesmos, relevando aspetos mais importantes do presente estudo e comparando-os com estudos anteriores.

4.5. Discussão de Resultados

Neste ponto do estudo, procede-se à discussão da temática em função dos resultados obtidos, descritos precedentemente na apresentação da análise dos dados. Irá seguir-se a ordem que se abrangeu nos objetivos de investigação, sempre que possível, discutindo os resultados encontrados para cada pressuposto e realizando uma conjugação com outros estudos empíricos que se referem à mesma problemática, encontrados através de uma análise da literatura existente. O principal objetivo deste ponto do estudo é o de inclusão das principais conclusões observadas nesta investigação, comparando-as com estudos passados.

Através do presente estudo procuramos explorar as relações associadas ao envolvimento parental no desporto e à vinculação ao pai e à mãe.

Assim, indo de encontro ao primeiro objetivo, começamos por discutir as qualidades psicométricas do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (Gomes 2016), analisando a sua consistência interna e os resultados encontrados na análise fatorial.

Sendo os valores de *Alpha* de *Cronbach* superiores a 0,70 entendidos com valores aceitáveis de consistência interna (Tabachnick & Fidell, 2000), podemos afirmar que os valores das subescalas em ambas as versões, mãe e pai, foram bons comprovando assim uma boa fiabilidade do estudo (Tabela 4). Comparativamente com os valores encontrados por Gomes (2019) constatamos que os valores de *Alpha* no presente estudo são globalmente superiores aos valores de *Alpha* encontrados por Gomes, sendo que os valores da versão pai são superiores aos da versão mãe, contrariamente aos valores assinalados por Gomes (2019). Estes valores podem ser justificados com as diferenças presentes na amostra, ou seja, no presente estudo a amostra é constituída unicamente por atletas do sexo masculino, enquanto que, na amostra do estudo realizado por Gomes, estão presentes atletas do sexo feminino e masculino.

No que concerne à análise fatorial, procedemos a uma Análise Fatorial em componentes principais em rotação Varimax, com definição prévia de 5 fatores, igualando assim o número de subescalas totais do instrumento. Ao realizarmos este cálculo podemos encontrar o número de fatores que melhor se adequa às variáveis observadas (Brown, 2006).

A estrutura fatorial que encontramos apresenta-se com valores superiores aos encontrados no estudo de Gomes (2010), tendo um aumento de sensivelmente 10% em ambas as versões. Na versão pai (Tabela 6), os cinco fatores apresentam uma variância

total de 81,904% e na versão mãe (Tabela 5), de 80,650%, sendo que em todos os itens foram encontrados valores de comunalidade superiores a 0,6. Este aumento de percentagem comparado ao estudo de Gomes (2019), pode estar associado às recentes alterações do instrumento, onde a posterior subescala designada de Influência técnica e desportiva foi dividida em duas dimensões agora apelidadas de Influência técnica e Expetativas Desportivas. De modo geral, a estrutura fatorial do instrumento revelou-se adequada frente às dimensões originais esperadas.

De acordo com o segundo objetivo, que seria estudar as qualidades psicométricas do instrumento *Inventory of Parents and Peers Attachment*, versão portuguesa adaptada por Carvalho e Costa (2018), efetuamos o cálculo da consistência interna e a análise fatorial do instrumento. Este cálculo foi realizado com o intuito de perceber se o instrumento e as dimensões presentes no mesmo seriam adequadas à presente investigação.

Os valores de *Alpha* de *Cronbach* das subescalas do instrumento apresentam ser valores aceitáveis, no entanto, só após terem sido retirados alguns itens da versão mãe se alcançaram estes valores (Tabela 7). Na versão mãe foram inicialmente encontrados os seguintes valores de *Alpha*: .58 na subescala Confiança, .58 na subescala Comunicação e .66 na subescala Alienação. De modo a obtermos valores de *Alpha* considerados aceitáveis retiramos o item 9 designado por “A minha mãe espera demasiado de mim” da subescala Confiança, o item 6 designado de “Acho desnecessário mostrar os meus sentimentos à minha mãe” da subescala Comunicação e o item 8 designado de “Falar dos meus problemas com a minha mãe faz com que sinta vergonha” da subescala Alienação. Ao retiramos os itens anteriores alcançamos valores mais aceitáveis, contudo, o valor de *Alpha* de *Cronbach* total para a versão mãe manteve-se um pouco mais baixo, sendo este de .63. Na versão pai, encontramos um valor de *Alpha* muito aceitável de .81.

Comparando com estudos anteriores podemos afirmar que existe alguma discrepância nos valores associados à versão mãe (Armsden & Greenberg, 1987), no entanto, tendo em conta que o pai consolida a sua relação de vinculação através do jogo e do desafio (Paquette, 2004) e sendo a amostra constituída apenas por atletas do sexo masculino que se apresentam numa faixa etária onde ocorrem inúmeras mudanças ao nível do desenvolvimento afetivo e comunicativo, podemos afirmar que esta discrepância é normativa.

Relativamente à análise fatorial, procedemos mais uma vez à realização de uma análise fatorial em componentes principais em rotação Varimax, com definição prévia de 3 fatores, igualando assim o número de subescalas totais do instrumento. Na versão mãe (Tabela 8), os três fatores encontrados explicam 45,885% da variância, sendo que, relativamente aos valores de comunalidade, esta versão apresenta valores razoáveis, contudo, apresenta também valores muito baixos associados maioritariamente à subescala Confiança. Na versão pai (Tabela 9), os três fatores encontrados explicam 54,790% da variância total. Os três fatores apresentam itens de dimensões diferentes sendo assim considerados mistos. Em relação aos valores de comunalidade e indo de encontro aos valores apresentados na versão mãe, estes são maioritariamente razoáveis, no entanto, alguns itens apresentam valores de comunalidade muito baixos como é o caso de grande parte dos itens pertencentes à subescala Alienação.

Com o intuito de analisar a existência de uma possível relação entre o envolvimento parental no desporto e a vinculação ao pai e à mãe, disposta no terceiro objetivo, foi efetuado o *Teste de Correlação de Pearson* entre as subescalas das duas variáveis.

Foi possível aferir que, em ambas as versões, existem correlações significativas positivas entre as subescalas Apoio desportivo, Acompanhamento desportivo e Influência

técnica (subescalas pertencentes ao QCPD) e as subescalas Confiança, Comunicação (subescalas pertencentes ao IPPA). Foram encontradas correlações significativas negativas entre as anteriores escalas do QCPD e a subescala Alienação do IPPA, mostrando que quanto maior o apoio desportivo, o acompanhamento desportivo e a influência técnica, menor o grau de alienação percebido pelo jovem. A única diferença presente nas versões são as correlações associadas à subescala Expetativas Desportivas, onde esta, na versão mãe (Tabela 10), estabelece unicamente correlação significativa positiva com a subescala Comunicação, enquanto que na versão pai (Tabela 11), estabelece correlação significativa positiva com as subescalas Confiança e Comunicação.

Não foram encontrados estudos que pudessem comprovar ou refutar os resultados obtidos, contudo, podemos afirmar que estes resultados foram de encontro às expetativas iniciais consideradas para o desenvolvimento do estudo, mostrando que, quanto mais positivo for o envolvimento parental no meio desportivo, melhor será a relação de vinculação entre os pais e o atleta.

O quarto objetivo estava orientado para a possibilidade de existência de diferenças significativas ao nível do envolvimento parental no desporto, em função do nível socioeconómico. A partir dos resultados obtidos, constatamos a presença de duas diferenças significativas na versão para o pai, nas subescalas de Apoio desportivo e Acompanhamento desportivo (Tabela 12). O resultado obtido mostra-nos que pais com um superior nível socioeconómico estão significativamente mais presentes na vida desportiva dos filhos, acompanhando-os mais em contexto desportivo, como em treinos e jogos, e dando-lhes mais apoio. O resultado na análise de variância, vai de acordo às conclusões apresentadas por Serrano, Silveira, Lucas e Honório (2017), cujos resultados mostram que pais com superiores habilitações literárias, apresentavam maior apoio desportivo e preocupações com as necessidades acrescidas ao desporto.

A possibilidade de existência de diferenças de vinculação consoante a idade apresenta-se no quinto objetivo. Os resultados obtidos mostram-nos a presença de diferenças estatisticamente significativas em duas subescalas presentes no instrumento destinado à avaliação da vinculação à mãe e ao pai. Estas variâncias foram encontradas na versão destinada ao pai nas subescalas Confiança e Comunicação. Ao efetuarmos o teste *Post-Hoc* aferimos que estas diferenças ocorrem a favor das idades mais novas, ou seja, atletas com idades compreendidas entre os 12 e 13 anos, apresentam maior confiança com o pai do que atletas com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos. O mesmo acontece na subescala Comunicação, contudo apenas com atletas com idades compreendidas entre os 16 e 17 anos (Tabela 13). Estes resultados aparentam estar de acordo com estudos associados à vinculação na adolescência, onde é referido que ao longo da mesma ocorrem mudanças nas relações de vinculação com os pais, podendo estas estar associadas à procura de novas relações de vinculação associadas a pares (Silva & Costa, 2005; Reitz et al., 2006; Machado & Oliveira, 2007). Ou seja, à medida que o jovem vai crescendo e vai chegando à fase adulta, este começa a mostrar mais interesse por outras relações de vinculação, nomeadamente com os pares. Esta mudança não altera necessariamente a relação de vinculação com os pais, apenas redireciona o foco de atenção para outras relações de vinculação. A presença de diferenças significativas apenas no pai pode estar, mais uma vez, associada à especificidade desportiva, sendo esta característica da relação de vinculação associada ao pai (Russell & Russell, 1987).

Ao analisarmos os resultados obtidos anteriormente, podemos efetuar uma ligação com o sexto objetivo, sendo este direcionado à investigação de possíveis diferenças associadas à vinculação à mãe e ao pai, em função do escalão competitivo. Como podemos observar na tabela 14, encontramos diferenças significativas relativamente ao pai. As diferenças foram encontradas nas subescalas Confiança e Comunicação, com o

escalão de sub 14 a mostrar maior confiança e comunicação com o pai em relação ao escalão de sub 18. Deste modo e indo de encontro aos resultados apresentados do objetivo anterior, podemos observar uma tendência para valores superiores de vinculação em atletas mais novos, estando estes resultados de acordo com vários estudos realizados anteriormente (Russell & Russell, 1987; Silva & Costa, 2005; Reitz et al., 2006; Machado & Oliveira, 2007).

Recorrendo novamente à variável secundária escalão desportivo, no sétimo objetivo verificamos se existiam diferenças relativamente ao envolvimento parental. Na tabela 15 observamos que existem diferenças significativas na versão para a mãe, sendo estas relativas à subescala Expetativas Desportivas, mostrando que existem valores superiores associados às expetativas desportivas em escalões sub 14 comparativamente aos escalões de sub 18. O mesmo acontece na versão pai (tabela 16) em relação à mesma subescala. Contudo, em relação ao pai, encontramos mais duas subescalas com valores significativos, a subescala Apoio Desportivo e a subescala Influência técnica. Nestas duas subescalas estamos perante comparações muito semelhantes às que encontramos na subescala Expetativas desportivas, tendo os escalões de sub 14 expostos a maior apoio e influência comparativamente aos escalões de sub 16 e sub 18. Os resultados encontrados vão de encontro aos resultados obtidos na investigação de Reis, Ferreira e Moraes (2016), onde estes constatam uma diminuição do envolvimento a partir dos 16 anos de idade, independentemente dos fatores externos presentes. Serrano, Silveira, Lucas e Honório (2017) afirmam, também, que os pais estão mais presentes no contexto desportivo dos jovens.

No que concerne ao oitavo objetivo, relativo a possíveis diferenças existentes no envolvimento parental em função do tempo de prática desportiva, não foram encontrados resultados significativos, apenas um parcialmente significativo na subescala Pressão para

o rendimento, na versão destinada para o pai. Não foram encontrados estudos que relacionassem as duas variáveis, sendo que estes associavam apenas o escalão desportivo. Embora a formação desportiva se inicie no escalão de sub 8, aos 6/7 anos de idade, o jovem não tem de obrigatoriamente iniciar o seu percurso desportivo neste escalão, ou seja, sendo que a formação desportiva vai do escalão sub 8 ao escalão sub 18, o jovem, consoante a sua idade, pode entrar a qualquer momento no escalão ao qual corresponde. Deste modo, não podemos associar o escalão desportivo para comparar com o objetivo uma vez que o atleta pode ter desde 1 a 12 anos de prática desportiva. Contudo, é expectável que com o decorrer do percurso desportivo do jovem, surja maior pressão para o rendimento do mesmo, podendo este aumento ser explicado com o alcance de metas previamente estipuladas, ou mesmo como um fator de motivação utilizado pelo encarregado de educação.

Relativamente ao último objetivo, este tinha como objetivo verificar as diferenças de vinculação à mãe e ao pai, em função de quem acompanha o jovem no contexto desportivo. Foram encontradas variâncias significativas na versão pai nas subescalas Confiança e Comunicação. Na tabela 17 podemos observar que os jovens percecionam maior Confiança e Comunicação com o pai, comparativamente com a mãe. Podemos considerar este resultado como sendo esperado tendo em conta que a amostra é constituída unicamente por jovens do sexo masculino, que partilham uma relação mais próxima ao pai, associada ao fator de competição e de desafio (Russell & Russell, 1987).

4.6. Síntese

De uma forma global, ao longo deste capítulo demonstramos pormenorizadamente todo o processo de investigação do estudo, desde a pergunta de partida e objetivos, à análise de resultados e à discussão dos mesmos.

Relativamente a estes dois pontos, podemos salientar que as análises psicométricas dos instrumentos enquadraram-se num patamar adequado para a avaliação das variáveis desejadas, sendo os resultados da consistência interna do instrumento Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto, resultados muito bons que favoreceram o desenvolvimento da investigação.

No que concerne aos resultados obtidos na relação entre as duas variáveis primárias, o envolvimento parental no desporto e a vinculação ao pai e à mãe, foram encontrados resultados que corroboram a presença de uma forte relação entre as duas variáveis em estudo, salientando a relação entre o apoio e o acompanhamento desportivo, e a alienação, que nos mostra que com o aumento do apoio e do acompanhamento, existe uma menos alienação percebida pelos jovens.

No que diz respeito às diferenças associadas ao envolvimento parental no desporto e à vinculação, de modo geral encontramos mais diferenças significativas na versão pai o que pode ser explicado pelo sexo e pelo intervalo de idades da amostra.

Em relação às diferenças ao nível do envolvimento parental, em função do NSE, os resultados encontrados vão de encontro à literatura, mostrando que pais com nível socioeconómico superior, apresentam maior apoio e acompanhamento desportivo, que pais com um nível socioeconómico inferior (Serrano et al., 2017).

Indo de encontro à literatura, existem diferenças significativas relativamente à vinculação à mãe ao pai em função da idade, sendo que os resultados mostram uma maior confiança e comunicação, com o pai, em atletas mais novos. O mesmo acontece quando analisamos possíveis diferenças de vinculação ao pai e à mãe, em função do escalão competitivo. Aqui, mais uma vez, atletas de escalões inferiores, apresentam maior confiança e comunicação com o pai, do que os atletas de escalões superiores (Silva & Costa, 2005; Reitz et al., 2006; Machado & Oliveira, 2007).

Utilizando a mesma variável secundária mas associada ao envolvimento parental no desporto, foram encontradas diferenças significativas associadas à mãe e ao pai. Em relação à mãe, relatamos diferenças associadas às expectativas desportivas e em relação ao pai, para além de termos encontrado resultados associados às expectativas, verificamos a presença de diferenças ao nível do apoio e da forma como estes influenciam tecnicamente os seus filhos. Em ambas as versões as diferenças mostram-se a favor dos atletas mais jovens.

Relativamente a diferenças associadas ao envolvimento parental no desporto, em função do tempo de prática desportiva, não foram encontradas variâncias significativas, embora tenhamos um resultado parcialmente significativo associado à pressão para o rendimento pela parte do pai.

Por último, em relação às possíveis diferenças associadas à vinculação à mãe e ao pai, em função do acompanhamento desportivo, foram apenas encontradas diferenças significativas ao nível da comunicação e da confiança associada ao pai, favorecendo o acompanhamento do pai em relação ao acompanhamento da mãe, tanto da comunicação como na confiança.

De forma geral podemos observar resultados mais associados ao pai, mostrando um evidente favorecimento no que toca às idades mais jovens, verificando-se a presença relação mais forte entre o envolvimento parental no desporto e a vinculação à mãe e ao pai nesta faixa etária.

Tendo em conta os resultados significativos encontrados e a sua comparação com os principais estudos associados ao envolvimento parental no desporto e à vinculação à mãe e ao pai, foi possível chegar a conclusões que nos ajudam a perceber melhor a relação entre as duas variáveis.

Conclusão

Sendo a adolescência um período de adaptação e modificação de estruturas cognitivas por parte dos jovens, certas ações podem causar modificações no conceito de vinculação associado à mãe e ao pai, nomeadamente ações associadas ao envolvimento parental no desporto. A forma como o jovem percebe o apoio e o acompanhamento desportivo ou então a pressão que os pais demonstram neste mesmo contexto, pode levar a que a relação entre pais e filhos sofra alterações que podem consolidar a relação de vinculação presente ou mesmo criar algumas rupturas na mesma.

Fagen e Cowen (1996) referem que uma forte relação entre os pais e a criança sustenta uma base de consistência, suporte e estabilidade para a criança, sendo que diversos estudos relatam a importância de uma vinculação segura para o desenvolvimento psicossocial do jovem, afirmando que esta promove o desenvolvimento da identidade e da autonomia (Fagen & Cowen, 1996; Scharf, Mayseless & Kivenson-Baron, 2004).

Parker e Boak (1999) afirmam que os pais se devem envolver em todos contextos da vida do jovem, permitindo que o jovem experiencie altos níveis de conforto emocional e encorajamento de independência e baixos níveis de rigorosidade e agravação. É com o auxílio desta vivência que o jovem se vai desenvolver a nível psicossocial, e vai adquirir capacidades que o ajudarão a ganhar confiança nas mais diversas situações e relações geradas no futuro (Horn & Horn, 2007).

Bronfenbrenner (1996) refere que, no contexto desportivo, um dos principais fundamentos para o desenvolvimento da criança é a família, uma vez que esta pode interferir no tipo, quantidade e qualidade de situações vivenciadas no contexto.

Independentemente das ações dos pais, é a forma como os jovens percebem as ações que pode causar ou não impacto nestes. É esta percepção que ao longo do tempo vai

ter impacto no conceito de auto eficácia associada ao contexto desportivo e ao contexto social (Serpa, 2017).

. Sendo a vinculação um processo vital do desenvolvimento humano que otimiza o desenvolvimento adaptável da personalidade do individuo ao longo da vida (Bowlby, 1982), torna-se importante perceber se existem fatores externos que possam ter implicações no mesmo. O contexto desportivo é caracterizado pelas interações presentes no mesmo, nomeadamente as interações entre pais e filhos. O modo como os jovens percecionam estas interações pode fazer com que ocorram mudanças nas relações que estes têm com os seus pais (Gomes, 2010). Deste modo, as duas grandes variáveis analisadas neste estudo foram a vinculação à mãe e ao pai e o envolvimento parental no desporto. Para que fosse possível atingir os objetivos propostos, foram utilizadas várias variáveis sociodemográficas que nos permitiram obter informações pessoais, como a idade e o NSE, e informações mais relacionadas ao contexto desportivo como o acompanhamento parental e o tempo de prática desportiva.

O Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (Gomes, 2016) e o *Inventory of Parents and Peers Attachment*, versão adaptada para a população portuguesa (Carvalho e Costa, 2018), foram os instrumentos escolhidos para a recolha de informação pretendida acerca das duas variáveis. A partir da análise das propriedades psicométricas de ambos os instrumentos, proposta nos dois primeiros objetivos, estes mostraram ser instrumentos adequados para o estudo apresentado.

No presente estudo estamos perante uma grande afirmação no que toca às implicações do envolvimento parental no contexto desportivo e as relações de vinculação com os jovens, o que nos permite afirmar que o objetivo principal foi alcançado, assim como um dos objetivos específicos associado à análise de uma possível correlação entre as duas variáveis em estudo. Um dos principais resultados do estudo mostra-nos a

presença de uma forte relação entre o envolvimento parental no desporto e a vinculação à mãe e ao pai.

Quanto ao envolvimento parental, em função do NSE, os resultados obtidos mostram que esta variável é relevante para no que toca ao apoio e acompanhamento parental no contexto desportivo. Corroborando a literatura já existente acerca da variável (Serrano et al., 2017), os resultados apontam para que pais com um Nível Socioeconómico mais elevado, estejam mais presentes no contexto desportivo dos seus filhos, ao contrário de pais com um Nível Socioeconómico mais baixo.

Paquette (2004) afirma que a relação de vinculação com o pai está mais orientada pela interação que o mesmo tem com o seu filho(a) num contexto de jogo. Sendo o contexto competitivo e de jogo mais associado às relações de vinculação com o pai, os resultados obtidos nas análises de variância têm mais impacto nessa população.

Quanto à vinculação comprovamos um maior acompanhamento e uma maior interação por parte do pai, nomeadamente com atletas de idades e escalões mais jovens. São nestas idades e escalões onde observamos uma maior perceção de confiança e comunicação por parte dos jovens. É também nos escalões mais jovens que os jovens percecionam um maior nível de apoio e acompanhamento por parte do pai. Aferimos assim a presença de uma relação de vinculação, ao pai, mais forte em atletas mais jovens, mostrando que o envolvimento do pai no contexto desportivo pode trazer inúmeras vantagens para a relação de vinculação com o filho.

Como em qualquer outro estudo também este apresenta algumas limitações. O facto de os participantes serem do sexo masculino pode ter induzido mais resultados significativos associados ao pai, pelo que em futuros estudos propomos a inclusão de participantes do sexo feminino.

Apesar de existirem estudos acerca do envolvimento parental no contexto desportivo e acerca da vinculação, a realização de investigações que relacionem as duas áreas pode trazer inúmeros contributos para a prática desportiva dos jovens e consequentemente para o envolvimento parental e para a relação familiar, sendo que seria possível criar padrões comportamentais que auxiliassem os pais a perceber de que forma os seus filhos percecionam o seu envolvimento no contexto desportivo, podendo deste modo ajustar a forma como estes comunicam e investem no percurso desportivo dos seus filhos.

Para a elaboração de próximos estudos e de modo a promover a obtenção de resultados mais específicos e abrangentes a uma maior população, poderão ser incluídas novas variáveis, tais como a perceção de comportamentos por parte dos pais, várias modalidades desportivas e mais escalões desportivos. Numa vertente mais associada à Psicologia do Desporto, poderíamos utilizar, também, o rendimento desportivo do jovem como uma variável e um possível fator impulsionador de *stress* na relação de vinculação com a mãe e com o pai. Deste modo, poderíamos alcançar conclusões mais gerais que, no futuro, poderão consciencializar os jovens e principalmente os encarregados de educação acerca das potenciais consequências do seu envolvimento no contexto desportivo.

Tendo em conta os resultados obtidos e sendo que a amostra é constituída por várias organizações desportivas do distrito de Aveiro, conhecidas principalmente pelo seu historial e contributo na modalidade de basquetebol, a utilização do estudo para ações de sensibilização, nas organizações, acerca da forma como o envolvimento parental no desporto pode trazer contributos mas também aspetos negativos para a relação de vinculação entre pais e filhos, poderá despertar o interesse de mais encarregados de educação e de mais organizações desportivas acerca da importância dos comportamentos

que os pais adotam no contexto desportivo, e não só, e de que forma estes podem adequar os seus comportamentos às características do contexto e principalmente às necessidades de cada jovem.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Erlbaum.
- Ainsworth, M. (1979). Infant-mother attachment. *American Psychologist*, 34(10), 932-937. Semantic scholar.
http://local.psy.miami.edu/faculty/dmessaging/c_c/rsrscs/rdgs/attach/ainsworth.1979.amer_psych.pdf
- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44 (4), 709- 716. Semantic scholar.
<https://www.semanticscholar.org/paper/Attachments-beyond-infancy.-Ainsworth/543141e657bda74736ff87ac10d70643cd639892>
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares: uma visão sistemática* (pp.162-205). Quarteto. Baesua. <http://hdl.handle.net/10849/34>
- Appleton, P., Hall, H., & Hill, A. (2011). Examining the influence of the parent-initiated and coach-created motivational climates upon athletes' perfectionist cognitions. *Journal of Sport Sciences*, 27(1), 661 -671.
<https://doi.org/10.1080/02640414.2010.551541>
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.
- Berlin, L. J., & Cassidy, J. (1999). Relations among relationships : Contributions from attachment theory and research. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 688-712). The Guilford Press.
- Boiché, J., & Sarrazin, P. (2009). Proximal and distal factors associated with dropout versus maintained participation in organized sport. *Journal of Sports Science and Medicine*, 8, 9-16. Researchgate.
https://www.researchgate.net/publication/258036591_Proximal_and_distal_factors_associated_with_dropout_versus_maintained_participation_in_organized_sport
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation, anxiety and anger*.(Vol. 2). Basic Books.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental* (2ªed.). Martins Fontes.

- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss: Attachment* (2ªed., Vol. 1, pp. 265-376). Basic Books. Academia.
https://www.academia.edu/27782117/ATTACHMENT_AND_LOSS_VOLUME_I_ATTACHMENT_Second_Edition?email_work_card=view-paper
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Clinical applications of attachment theory*. Routledge.
- Bryant, K. (2020). *A mentalidade de um vencedor* [Vídeo]. Youtube.
<https://www.youtube.com/watch?v=VSceuiPBpxY>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Artes médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Sage.
- Brown, G. L., McBride, B. A., Shin, N., & Bost, K. K. (2007). Parenting Predictors of Father-Child Attachment Security: Interactive Effects of Father Involvement and Fathering Quality. *Fathering*, 5(3), 197-219.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research* (pp. 10-33). The Guilford Press.
- Brustad, R. (1992). Integrating socialization influences into the study of children's motivation in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 14, 59-77.
 Researchgate.
https://www.researchgate.net/publication/232582812_Integrating_Socialization_Influences_into_the_Study_of_Children's_Motivation_in_Sport
- Brustad, R., Babkes, M., & Smith, A. (2001). Youth in Sport: Psychological considerations. In R. Singer, H. Hausenblas & C. Janelle (Eds.), *Handbook of sport Psychology* (2ª Ed., pp. 604-635). John Wiley.
- Bukowski, W. M. (2001). Friendship and the worlds of childhood. em W. Nangle e C. A. Erdley (Orgs.). *The role of friendship in psychological adjustment - New directions of child and adolescent development* (pp. 93-106). Jossey Bass.
- Carvalho, J., & Costa, A. (2018). *Relações entre pais e pares e o uso de tecnologias pelas crianças e adolescentes*. Universidade Fernando Pessoa.
- Cassidy J., & Shaver P. (1999) *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 577). Guilford Press.
- Castro, A. (2001). Planejamento de Pesquisa (pp. 2-4). AAC

- Cremades, J.G., Donlon, J.C., & Poczwardowski, A. (2013) Parental involvement and gender differences in the psychological profile of freshmen collegiate athletes. *J Sport Health Sci*, 2(3), 160-167. Researchgate.
https://www.researchgate.net/publication/258510985_Parental_involvement_and_gender_differences_in_the_psychological_profile_of_freshmen_collegiate_athletes
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: the structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood* (pp. 3-90). Jessica Kingsley Publishers.
- Coutinho, C. P. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria Prática*. Almedina, S. A.
- Diener, M. L., Isabella, R. A., & Behunin, M. G. (2007). Attachment to mothers and fathers during middle childhood: Associations with child gender, grade and competence. *Social Development*, 17, 84-101.
- Dorsh, T., Smith, A., & McDonough, M. (2009). Parents' perceptions of child-to-parent socialization in organized youth sports. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 31, 444-469. <https://doi.org/10.1123/jsep.31.4.444>
- Eccles, J., & Harold, R. (1991). Gender differences in sport involvement. Applying the Eccles expectancy-value model. *Journal of Applied Sport Psychology*, 3, 7-35.
- Fagen, D., & Cowen, E. (1996). Relationships between parent-child relational variables and child test variables. *Child Study Journal*, 26(2), 7-87.
- Ferronha, J., Almeida, A., Oliveira, L., Sousa, J., Sousa, V. (2014) Estudo da Vinculação e da Empatia em Adolescentes Institucionalizados com Acompanhamento Psicológico no PIAC (plano integrado de apoio à comunidade). *INFAD Revista de Psicologia*, 1(1), 327- 338. <http://doi.org/10.17060/ijodaep.2014.n1.v1.378>
- Filgueira, M., & Schwartz, M. (2007). Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação desportiva ao futebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(2), 245-253. Scielo.
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232007000200013
- Fredricks, J. A., & Eccles, J. S. (2004). Parental influences on youth involvement in sport. In M. R. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective* (pp. 145-164). Fitness Information Technology.

- Fredericks, J. A., & Eccles, J. S. (2005). Family socialization, gender and sport motivation. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 27, 3-31.
- Folle, A., Nascimento, J., Salles, W., Maciel, L., & Dallegrave, E. (2018). Family involvement in the process of women's basketball sports development. *Journal of Physical Education*, 29(1), 1-13.
<https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v29i1.2914>
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, W. D. (1991). Attachment to Mother/Attachment to father: A Meta Analysis. *Child Development*, 62(1), 210-225. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01526.x>
- Gomes, A. R. (2010). Influência parental no desporto: A percepção de pais e jovens atletas portugueses. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(4), 491-503. Scielo. <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/07.pdf>
- Gomes, A. R. (2016). *Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (QCPD)*. Relatório técnico não publicado. Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Gomes, A. R., & Zão, D. V. (2007). Envolvimento parental e orientação motivacional na prática desportiva: desenvolvimento de instrumentos de avaliação e análise das percepções de pais e atletas. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 12(2), 319-339. RepositoriUM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8238/3/6-Pais-Psicologia-Teoria-Inves-Pr%c3%a1tic.pdf>
- Gomes, A. R., Gonçalves, M. A., Dias, O., & Morais, C. (2019). Parental behavior, cognitive appraisal, and motivation in young athletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 90(1), 80-94. <https://doi.org/10.1080/02701367.2018.1563278>.
- Gotova, Z. (2015). Sport for all, a prerequisite for longevity, health and wellbeing of all age people. *Activities in Physical Education e Sport*, 5(1), 117-120. https://fsprm.mk/wp-content/uploads/2015/05/Pages-from-APES-_1_2015_za-email-30.pdf
- Gotze, M. M., & Becker, B. (2002). A comunicação entre crianças, pais e treinadores na escolinha esportiva de basquetebol em aulas e eventos desportivos- a perspetiva a partir dos sujeitos. *Movimento*, 8(3), 47-62. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2649>

- Greendorfer, S., & Lewko, J. H. (1978). Role of family members in sport socialization of children. *Research Quarterly*, 49, 146-152.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11, 307-331. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00202>
- Gurland, S. T., & Grolnick, W. S. (2005). Perceived threat, controlling parenting, and children's achievement orientations. *Motivation and Emotion*, 29(2), 103-121. <https://doi.org/10.1007/s11031-005-7956-2>
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. Guilford
- Haug, M. R. (1977). Measurement in social stratification. *Annual Review of Sociology*, 3, 51-77. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.03.080177.000411>
- Hellstedt, J.C. (1987). The Coach/ Parent/ Athlete relationship, *The Sport Psychologist*, 1, 151-160
- Hellstedt, J. (1990). Early adolescent perceptions of parental pressure in the sport environment. *Journal of Sport Behavior*, 13, 135-145.
- Holmes J. (1993) *John Bowlby and Attachment Theory* (pp. 177-190). Routledge
- Holt, N.L., & Neeley, K.C. (2014). Parents perspective on the benefits of sport participation for young children. *The sport psychologist*, 28, 255-268. <https://doi.org/10.1123/tsp.2013-0094>
- Holt, N.L, Tmminen, K., Black, D., sehn, Z., & Wall, M. (2008). Parental Involvement in competitive youth sport settings. *Psychology of Sport and Exercise*, 9, 663-685. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2007.08.001>
- Hoover-Dempsey, K. V., & Sandler, H. (1997). Why do parents become involved in their children's education?. *Review of Educational Research*, 67 (1), 3-42. <https://doi.org/10.3102%2F00346543067001003>
- Horn, T. S., & Horn, J. L. (2007). Family influences on children's sport and physical activity participation, behavior, and pshycological responses. In G. Tenenbaum & R. Eklund (Eds.) *Handbook of Sport Psychology* (3^a Ed., pp. 685-711). Wiley.
- Howes, C. (1999). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 671-687). The Guilford Press.

- Lakatos, E., & Marconi, M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. Editora Atlas.
- Leff, S., & Hoyle, R. (1995). Young athletes' perceptions of parental support and pressure. *Journal of youth and Adolescence*, 24, 187-203. <https://doi.org/10.1007/BF01537149>
- Lee, M. J., & MacLean, S. (1997). Sources of parental pressure among age group swimmers. *European Journal of Physical Education*, 2, 167-177. <https://doi.org/10.1080/1740898970020204>
- Lieberman, M., Doyle, A., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child Development*, 70, 202-213. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00015>
- Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C.Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime* (pp. 291-321). Almedina.
- Machado, T. S., e Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6(1), 97-115. <https://core.ac.uk/download/pdf/144020969.pdf>
- Maier, M. A., Bernier, A., Pekrun, R., Zimmermann, P., Klaus, E., & Grossmann, K. E. (2004). Attachment working models as unconscious structures: An experimental test. *International Journal of Behavioral Development*, 28(2), 180- 189. <https://doi.org/10.1080%2F01650250344000398>
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com Recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir* (pp. 132-208). Psiquilibrios Edições.
- McCarthy, C. J., Lambert, R. G., & Moller, N. P. (2006). Preventive resources and emotion regulation expectancies as mediators between attachment and college students' stress outcomes. *International Journal of Stress Management*, 13 (1), 1-22.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood. Structure, dynamics, and change*. Guilford Press.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A., & Vaughn, B. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-407.

<https://doi.org/10.14417/ap.502>

- Neto, C. (1994). *Desporto Infantil: A Criança e a Actividade Desportiva*. Horizonte
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. (1995). Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA), 1-10. Researchgate. https://www.researchgate.net/publication/310440189_Inventario_da_Vinculacao_na_Adolescencia_IPPA
- Nicholls, J. G. (1989). *Competence and accomplishment: A psychology of achievement motivation* (pp.38-73). Harvard University Press
- Nunomura, M., & Oliveira, M. S. (2014) A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 28(1): 125-134. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092014005000004>
- OMS. (2014). *Atividade Física*. Retrieved from <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs385/en/>
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219. <https://doi.org/10.1159/000078723>
- Parker, F. L., Boak, A. Y., Griffin, K. W., Ripple, C., & Peay, L. (1999). Parent-child relationship, home learning environment, and school readiness. *School Psychology Review*, 28(3), 413-425. <https://doi.org/10.1080/02796015.1999.12085974>
- Perdereau, F., & Atger (2004). Avaliação da vinculação no adolescente e adulto. In N. Guedeney & A. Guedeney (Eds). *Vinculação – Conceitos e aplicações* (pp. 111 – 121). Climepsi.
- Power, T., & Woolger, C. (1994). Parenting practices and age-group swimming: A correlational study. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 65 (1), pp. 59-66.
- Prior V., & Glaser D. (2006). *Understanding Attachment and Attachment Disorders: Theory, Evidence, and Practice* (pp.180-185). Jessica Kingsley Publishers
- Reis, C. P., Ferreira, M., & Moraes, M. C. (2016). O apoio dos pais ao desenvolvimento da carreira de atletas masculinos de basquetebol. *Revista Brasileira Ciências Esporte*, 38(2), 148-155. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.10.007>
- Reitz, E., Deković, M., Meijer, A. M., & Engels, R. C. M. E. (2006). Longitudinal relations among parenting, best friends, and early adolescent problems

- behavior. Testing bidirectional effects. *The Journal of Early Adolescence*, 26(3), 272-295.
- Russell, G., & Russell, A. (1987). Mother-child and Father-Child Relationships in Middle Childhood. *Child Development*, 58, 1573-1585. Academia.
https://www.academia.edu/13434255/Mother_child_and_father_child_relationships_in_middle_childhood_and_adolescence_A_developmental_analysis
- Sampaio, C., & Ferreira, J.J. (1997). Avaliação Crítica de Artigos relativos a ensaios clínicos controlados. *Acta Médica Portuguesa*, 749-754.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar. Um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Caminho.
- Scharf, M., Mayseless, O., & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' Attachment Representations and Developmental Tasks in Emerging Adulthood. *Developmental Psychology*, 40(3), 430-444. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.40.3.430>
- Serpa, S. (2002). Psicologia do Treino desportivo: A lição de Greg Louganis. In S. Serpa & D. Araujo (Eds). *Psicologia do desporto e do exercício: Compreensão e aplicações* (pp. 171-192). FMH, SPPD.
- Serpa, S. (2017). *Mente, Desporto e Performance: o Fator Psi* (pp.69-81). Visão e Contextos.
- Serrano, J., Silveira, P., Lucas, M., & Honório, S. (2017). A opinião de jovens futebolistas sobre o envolvimento parental na sua prática desportiva. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 33(9), 206-217. Researchgate.
https://www.researchgate.net/publication/328276886_A_opinioao_de_jovens_futebolistas_sobre_o_envolvimento_parental_na_sua_pratica_desportiva
- Silva, M. G., & Costa, M. E. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, 28(2), 9-32. Scielo.
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492004000200001
- Smith, A.L., & Dorsch, T.E. (2015). Parent goals and verbal sideline behavior in organized youth sport. *Sport, Exercise and Performance Psychology*, 4 (1), 19-35. <https://doi.org/10.1037/spy0000025>
- Smoll, F. (2001). Coach-Parent relationships in youth sports: Increasing and minimizing hassle. In J. Williams (Ed.), *Applied sport psychology: Personal growth to peak performance* (pp. 151-161). Mayfield.

- Snyder, E. E. & Spreitzer, E. (1973). Family influence and involvement in sports. *Research Quarterly*, 44, 249-255.
<https://doi.org/10.1080/10671188.1973.10615203>
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Coord.) *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 381-434). Quarteto.
- Soares, I. (2006). Trajetórias dos nossos vínculos: Desenvolvimento, psicopatologia e aplicações clínicas. In M. C. Taborda Simões, T. S. Machado, et al., (Eds.). *Psicologia do desenvolvimento. Temas de investigação* (pp. 213-241). Almedina
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2000). *Using multivariate statistics*. HarperCollins.
- Teques, P., & Serpa, S. (2010). *Envolvimento Parental durante as etapas de formação em futebol*. Comunicação apresentada nas XI Jornadas da Sociedade Portuguesa de Psicologia do Desporto, Instituto Superior da Maia, Porto, Portugal.
- Teques, P., & Serpa, S. (2013). Envolvimento parental no desporto: Bases conceptuais e metodológicas. *Revista de Psicologia del Deporte*. 22(1), 533-539.
 Researchgate.
https://www.researchgate.net/publication/268222083_Envolvimento_parental_no_desporto_Bases_conceptuais_e_metodologicas_Parental_involvement_in_sport_The_conceptual_and_methodological_cornerstones
- Verschueren, K., & Marcoen, A. (2005). Perceived Security of Attachment to Mother and Father. Developmental Differences and Relations to Self-Worth and Peer Relationships at School. In K. Kerns e R. Richardson (Eds.), *Attachment in Middle Childhood* (pp. 212-228). The Guilford Press.
- Van Ijzendoorn, M., & de Wolff, M. S. (1997). In search of the absent father – Metaanalysis of infant-father attachment: A rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.
- Vissoci, J. R. N., Fiordelize, S. S., Oliveira L. P., & Nascimento, J. (2013). A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. *Psicologia: Teoria e Prática*, 15(1), 145-156. Pepsic.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n1/12.pdf>
- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. (1999). The nature of individual differences in infant-caregiver attachment. Em Cassidy, J. e Shaver,

P. (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical application* (pp. 68-88). Guilford Press.

Weiss, M. R., & Ferrer-Caja, E. (2002). Motivational orientations and sport behaviour. In T. S. Horn (Ed.), *Advances in Sport Psychology* (2^a Ed., pp.101-183). Human Kinetics.

Wuerth, S., Lee, M, J., & Alfermann, D. (2004). Parental involvement and athletes' career in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 21-33. [https://doi.org/10.1016/S1469-0292\(02\)00047-X](https://doi.org/10.1016/S1469-0292(02)00047-X)

Anexos

Anexo 1. Declaração de consentimento informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

*A vinculação e o envolvimento parental no desporto em atletas de basquetebol
com idades dos 12 aos 17 anos*

Eu, abaixo-assinado (nome completo)

.....

, responsável pelo participante no projeto (nome completo)

....., compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo

em causa. Data: _____ / _____ / 20__

Assinatura do Responsável pelo participante no projecto:

O Investigador responsável:

Nome: Mariana Filipa dos Santos Gaspar

Assinatura:

Anexo 2. Documento explicativo do estudo aos Encarregados de Educação

Documento explicativo do estudo aos Encarregados de Educação

O meu nome é Mariana Gaspar, sou aluna do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde ministrado pela Universidade Fernando Pessoa e estou de momento a realizar a uma dissertação acerca do envolvimento parental no desporto, analisando as implicações que esta variável tem na relação de vinculação entre pais e filhos.

O estudo é de carácter voluntário e todo o procedimento de investigação será realizado de modo a manter o anonimato e a confidencialidade dos participantes. A investigação será realizada a partir do preenchimento de 3 inquéritos por questionário que serão destruídos após a análise dos dados. A aplicação dos questionários será efetuada nas instalações do clube, num dia agendado pelo mesmo, de forma a não causar constrangimentos.

De modo a iniciar o estudo, será necessário o preenchimento da Declaração de Consentimento Informado por parte de um encarregado de educação, uma vez que uma grande percentagem dos inquiridos é menor de idade.

Predisponho-me desde já para esclarecer qualquer dúvida existente.

Antecipadamente grata pela vossa colaboração e atenção.

Contacto: 33282@ufp.edu.pt

AVALIAÇÃO DO ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO

OCUPAÇÃO

1 - ALTO

Alta Administração do Estado

(Chefia ministerial, deputados, juizes e magistrados, directores gerais, etc.);

Direcção e pessoal superior dos quadros da Administração Pública

(Directores, inspectores e chefes de serviço do Estado, dos corpos administrativos e de coordenação económica);

Direcção Administrativa de Empresas Privadas

(Administradores, directores, inspectores gerais, gerentes e chefes de serviço, etc.);

Direcção Técnica de Empresas Privadas

(Técnicos diplomados, responsáveis, engenheiros, economistas, consultores jurídicos, agentes técnicos, preparadores de serviço, etc.);

Entidades exercendo uma profissão liberal, técnicos e equiparados

(Catedráticos, doutores, licenciados com alta posição, advogados com cartório, médicos com clínica própria, arquitectos com estúdio próprio, etc.);

Proprietários de grandes explorações agrícolas;

Industriais com empresas de grande dimensão;

Directores e grandes artistas de Artes

(Teatro, cinema, bailado, música, etc.);

Escritores e Poetas de renome nacional comprovado;

Escultores e Decoradores de reconhecida categoria;

Pintores de arte, oficialmente galardoados;

Altas personalidades ou Clero secular católico;

Diplomatas e Cônsules do Corpo Diplomático acreditado em Portugal.

2 - MÉDIO-ALTO

Licenciados com posição média

(Assistentes universitários, professores do ensino secundário, químicos contratados, engenheiros agrónomos e silvicultores, médicos veterinários, notários, etc.);

Pessoal dos quadros da Administração Pública de média categoria

(Chefes de repartição, chefes de secção, funcionalismo público de carteira com posição destacada, etc.);

Pessoal dos quadros administrativos e técnicos de Empresas Privadas, sem funções directivas mas com posições destacadas em Bancos, Seguros, Comércio e Indústria

(Contabilista, chefe de escritório, oficiais administrativos, tesoureiros, etc.);

Jornalistas, intérpretes e guias acreditados pelas entidades oficiais;Técnicos de teatro, cinema, rádio e televisão. Artistas de 2º plano;Religiosos regulares católicos;Professores de instrução primária;Profissões de carácter intelectual;Pessoal superior das equipagens de barcos e aeronaves

(Comandantes, pilotos, comissários de bordo, hospedeiras, etc.);

Modelos e manequins de alta costura.

3 - MÉDIO

Proprietários de pequenas indústrias;Proprietários de exploração agrícolas de pequena e média dimensão;Proprietários de indústrias domésticas. Proprietários de pensões e restaurantes;Comerciantes e vendedores da pequena indústria;Proprietários de institutos de beleza ou cabeleireiros, de alfaiatarias, etc.;Empregados de escritório. Empregados de comércio e indústria;Angariadores e agentes comerciais. Caixeiros viajantes e compradores por conta de outrem;Capatazes e contramestres, verificadores e controladores de trabalho;Proprietários ou agricultores que trabalham eles próprios as suas terras;Regentes agrícolas;Capitães e mestres de embarcação. Radiotelegrafistas, etc.;Produtores e solicitadores;Despachantes de mercadorias;Empreiteiros de obras e serviços.

4 - MÉDIO-BAIXO

Operário e trabalhadores qualificados, especializados

(Pintores, mecânicos, torneiros, maquinistas, cinzeladores, compositores de vidro, compositores tipográficos, afinadores de instrumentos musicais, litógrafos, metalúrgicos, ourives de ouro e prata, relojoeiros, tecelões, marceneiros, corticeiros, entalhadores, esmaltadores, electricistas, etc.);

Operários e trabalhadores qualificados semi-especializados

(Motoristas, empregados de café, barbeiros, pescadores, caçadores, silvicultores, mineiros, operários de pedreiras e equiparados, etc.);

Agentes de cais, carteiros e boletineiros;

Arrendatários, rendeiros e parceiros de pequena exploração;

Comerciantes de infima categoria (quiosques, vendas, etc.);

Damas de companhia, perceptores e governantes;

Sacristães, sineiros e ajudantes de culto;

Feitores e administradores agrícolas;

Criadores e tratadores de gado.

5 - BAIXO

Trabalhadores não especializados

(Jornaleiros, ceifeiros, varredores, serventes, ajudantes de motorista, etc.);

Serviços domésticos;

Contínuos, paquetes, guardas nocturnos, porteiros;

Caixeiros de praça, caixeiros de balcão de baixa categoria;

Magarefes, costureiras e aprendizas;

Vendedores ambulantes, engraxadores.

INSTRUÇÃO

- 1 - Alto: Universitária, Escolas Superiores, etc.;
- 2 - Médio-Alto: Bacharelato, Curso Secundário (12º ano);
- 3 - Médio: Escolas Profissionais, Ensino Básico (9º ano);
- 4 - Médio-Baixo: Instrução Primária;
- 5 - Baixo: Instrução Primária incompleta ou nula.